

# MagisCultura



Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

Mineira

Abril de 2014

**Cyro, a poesia em prosa**

**Affonso Ávila,  
o moderno e o barroco**

**Mudar é bom! Mudar é bom?**

**E MAIS:**

**Cinema, história, poesia**

11

# SUMÁRIO



## CAPA

### Síntese de Minas

Inaugurado em 1929 e reformado em meados dos anos 1960, o Mercado Central de Belo Horizonte já adquiriu o status de maior atração turística da capital mineira, seja pela insuperável variedade de produtos, seja pelos muitos espaços de convivência que oferece. Entre os produtos comercializados, é possível encontrar praticamente de tudo que se faz em Minas: das muitas variedades de queijo aos balaios e cestos de palha e taquara; das quitandas de nata e biscoitos

de polvilho às carnes serenadas, pimentas curtidas e temperos especiais. Nos bares, à beira dos balcões ou nas mesas e banquinhos nos corredores, é possível saborear infindável variedade de tiragostos, do figado acebolado ao jiló frito, acompanhados da boa cachaça mineira. O Mercado Central, como a própria capital, faz a síntese da múltipla e rica cultura de Minas.



Capa e quarta capa: guaches de Sandra Bianchi sobre fotos do mercado antigo e do atual.

## ENSAIO

**Mudar é bom, mas, para quê?**

Francisco José Lopes de Albuquerque

**04**

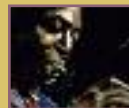


## MÚSICA

**1959 e a explosão criativa do Jazz**

Átila Andrade de Castro

**8**



## LITERATURA

**Os amores platônicos**

**de um poeta lírico, mas em prosa**

Gutemberg da Mota e Silva

**12**



## CONVIDADO ESPECIAL

*Afonso Ávila*

**O poeta essencial, estudioso do  
'barroco tropical'**

Manoel Marcos Guimarães

**20**



**Trilemas da Mineiridade**

Afonso Ávila

**23**



**Constelação das grandes famílias**

Afonso Ávila

**24**



## POESIA

**Paz**

Augusto José Vieira Neto

**25**



**Poesia que me atinge**

Fernando José Armando Ribeiro

**26**



**Ah! Essa vida de amor!**

João Quintino Silva

**27**





## POESIA

**Aonde (Elegia ao poeta de Itabira)**

Geraldo Rogério de Souza

28



**Paisagem**

Llewellyn Davies A. Medina

29



## CRÔNICA

**Ciranda cinematográfica**

Luís Carlos B. Gambogi

30



## RESENHA

**O zero e o infinito**

Rogério Medeiros Garcia de Lima

32



**'O incrível dom de Oscar',  
uma leitura enternecedora**

Matheus Chaves Jardim

40



## HISTÓRIA

**Cem anos da Primeira Guerra Mundial:  
lembrar para não repetir**

Luiz Carlos Biasutti

44



# EDITORIAL

## O mercado e a diversidade

Poucos lugares possibilitam convivência tão democrática quanto os mercados brasileiros, que há muito deixaram de ser meros locais de compras, para se transformarem em pontos de encontro e de turismo, por acolherem e refletirem uma síntese cultural da região em que estão localizados. É a um desses espaços, o Mercado Central de Belo Horizonte, que dedicamos a capa desta edição de *MagisCultura*, que se vê renovada em seus autores, como a anunciar uma nova etapa de vida, depois de superada a marca de uma dezena de edições.

Com efeito, a décima-primeira edição apresenta aos leitores textos de novos colaboradores, revelando a diversidade de talentos existente em nosso corpo de magistrados, em grande parte ainda latente. Ao lado dos estreantes, a revista traz textos de colaboradores que estão conosco desde a primeira edição, sempre com ótima qualidade.

Análises sobre o cinema e a música, particularmente o jazz, voltam a figurar nesta edição, fazendo companhia a ensaios literários, resenhas, ensaios e poemas.

O homenageado deste número é o poeta e ensaísta Affonso Ávila, morto em setembro de 2012, um dos maiores estudiosos do barroco brasileiro e autor de uma obra poética de vanguarda, impregnada de cultura mineira.

Desejando a todos uma boa leitura, renovamos nosso convite aos colegas magistrados para que enviem sua produção cultural – textos, fotografias, desenhos – para enriquecer e diversificar ainda mais nossas próximas edições.

**Herbert Carneiro**  
Presidente

# MagisCultura

Mineira

Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

ISSN 1984-5081

**Amagis - Diretoria Triênio 2013-2015**

**Presidente:** Desembargador Herbert Carneiro

**Vice-presidente Administrativa:** Juíza Luzia Divina de Paula Peixoto

**Vice-presidente Financeiro:** Juiz Luiz Carlos Rezende e Santos

**Vice-presidente de Saúde:** Juiz Maurício Torres Soares

**Vice-presidente do Interior:** Juíza Ivone Campos Guillarducci Cerqueira

**Vice-presidente Sociocultural-Esportivo:** Desembargador Tiago Pinto

**Vice-presidente dos Aposentados e Pensionistas:** Desembargador Tibagy Salles Oliveira

**Diretor-secretário:** Juiz Morvan Rabêlo de Rezende

**Subdiretora-secretária:** Juíza Maria das Graças Rocha Santos

**Diretoras de Comunicação:** Juízas Aldina de Carvalho Soares e Rosimere das Graças do Couto

**Diretora do Centro de Estudos da Magistratura:** Desembargadora Jane Ribeiro Silva

**Vice-diretor do Centro de Estudos da Magistratura:** Juiz Luiz Guilherme Marques

**Diretores Culturais:** Desembargador Guilherme Luciano Baeta Nunes,

Desembargadora Mariângela Meyer Pires Faleiro e Juiz Mauro Simonassi

**Conselho Deliberativo:** Juiz José Aluísio Neves da Silva (Presidente), José Roberto Sterse (Vice-presidente) e Juiz Antônio Carlos Parreira (Secretário)

**Assessores Especiais da Presidência:** Desembargadores Tiago Pinto, Nelson Missias de Moraes, Reynaldo Ximenes Carneiro, Doorgal Gustavo Borges de Andrada e Márcio Aristeu Monteiro de Barros, Ministro Paulo Geraldo de Oliveira Medina, Juiz Lailson Braga Baeta Neves, Juiz Carlos Donizetti Ferreira da Silva e Juiz Marcelo Cavalcanti Piragibe Magalhães

**Coordenador de Comunicação:** Bruno Gontijo (MTB - MG 11008)

**Conselho Editorial:** Juiz Maurício Torres Soares (presidente), Desembargador Célio César Paduani, Juiz Daniel César Botto Collaço, Desembargador João Quintino Silva, Desembargador Luiz Carlos Biasutti, Juiz Renato César Jardim, Juíza Aldina de Carvalho Soares, Jornalista e escritor Carlos Herculano

**Diretor da Revista:** Juiz Renato César Jardim

**Editor Responsável:** Jornalista Manoel Marcos Guimarães (JP 1587/MG)

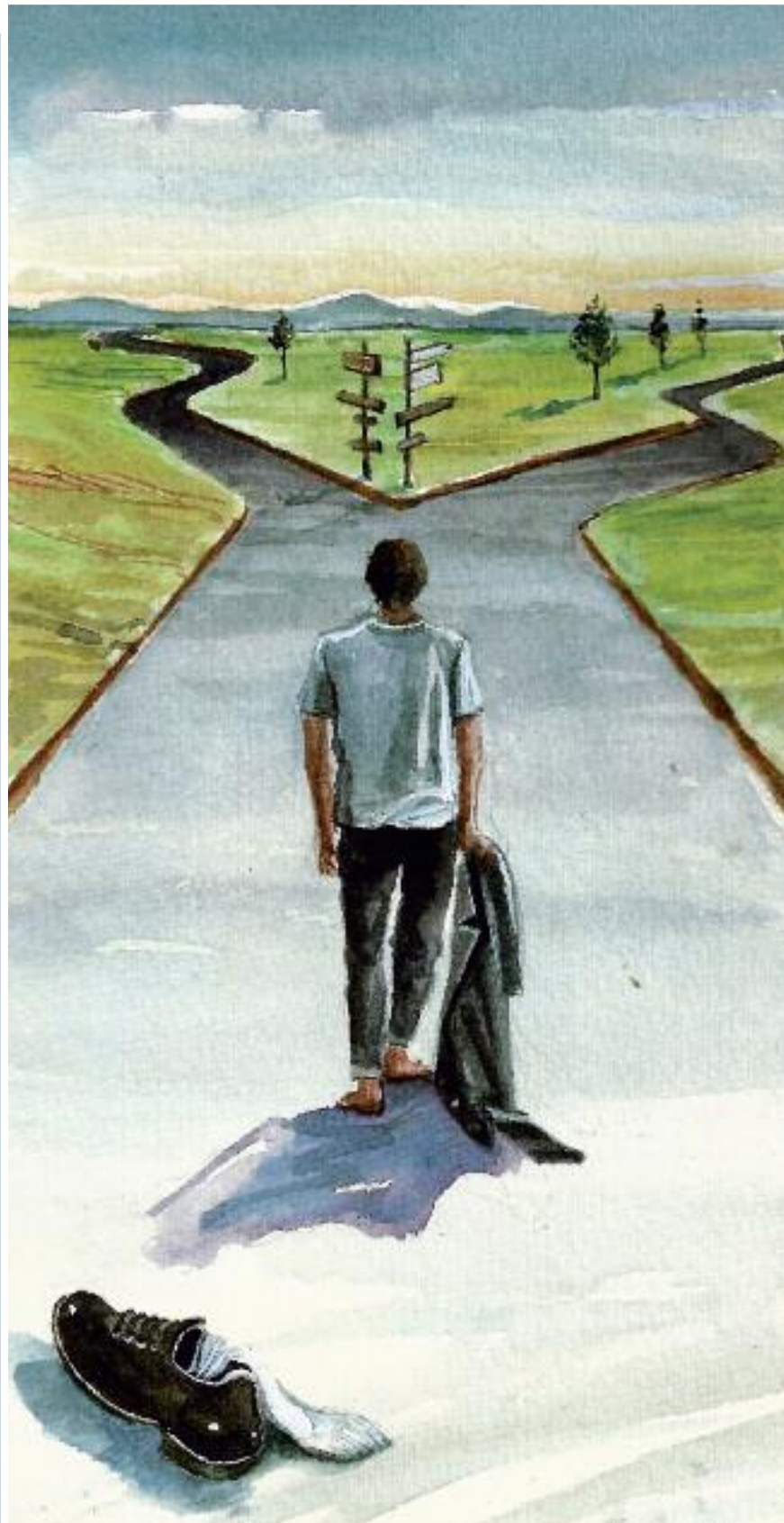
**Proj. gráfico e editoração eletrônica:** Rachel G. Magalhães ([www.communicatio.com.br](http://www.communicatio.com.br))

**Ilustrações:** Sandra Bianchi

**Impressão:** Rona Editora

**Tiragem:** 2.500 exemplares

**Envio de textos para publicação:** leia normas na terceira capa



# Mudar é bom, mas, para quê?

Francisco José Lopes de Albuquerque  
Desembargador aposentado

“**H**á um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas que já têm a forma do nosso corpo. E esquecer os nossos caminhos que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia (...) e se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.”

(aforismo atribuído a Fernando Pessoa)

Mudar é difícil, mas, convenhamos, não impossível e, além disso, revela-se necessário para fazermos de nossa vida um processo de renovação permanente e – se me permitem um reforço de adjetivação – tão salutar quanto gratificante.

Fácil mesmo é viver comodamente, à sombra da mesmice, fazendo do nosso dia a dia uma reiteração de atos e atitudes previsíveis e buscando sempre, entre as alternativas que se nos apresentam, aquela que mais combina com o que, conscientemente ou não, já incorporamos ao nosso modo de viver.

Chego a pensar que se trata, na verdade, de um somatório de hábitos (alguns deles viciosos, outros nem tanto, mas não menos descartáveis) que cultivamos há muito tempo e nos leva a resistir a qualquer oportunidade de alterar o que já está estabelecido, como se agir assim nos incomodasse ou pudesse nos prejudicar de alguma forma.

“A necessidade de uma mudança humana profunda – escreveu Erich Fromm em sua obra *Ter ou Ser* (Editorial Presença, 1999) – surge não apenas como imperativo ético ou religioso; não apenas como uma exigência psicológica decorrente da natureza patogênica de nosso caráter social de hoje, mas também como uma condição para a simples sobrevivência da espécie humana.”

Penso que não é preciso esperar que algo de relevante – seja por bem ou por mal – nos aconteça para fazer despertar em nós o desejo de mudança, como se, desprovidos do livre arbítrio, fôssemos escravos do acaso.

“Variar é viver – bem o disse Machado de Assis – referindo-se a “dois verbos que começam com v: profunda lição que nos dá a natureza e a gramática...” (Não é mel para a boca do asno – A biblioteca virtual dos estudantes brasileiros, <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>).

Thomas Mann também discorreu sobre o tema, enfatizando a importância dessa forma de fazer da vida algo mais do que simplesmente existir:

“Sabemos perfeitamente que a intercalação de mudanças de hábitos, ou de hábitos novos, constitui o único meio para manter a nossa vida, para refrescar a nossa sensação de tempo, para obter um rejuvenescimento, um reforço, uma retardação da nossa experiência do tempo e, com isso, o renovamento da nossa sensação de vida em geral. Tal é a finalidade da mudança de lugar

e de clima, da viagem de recreio, e nisso reside o que há de salutar na variação e no episódico...” (A Montanha Mágica, Ed. Nova Fonteira, 2005).

Com efeito, desde que, na perspectiva de uma mudança de hábitos, estejamos conscientes de sua conveniência ou necessidade, como também de sua compatibilidade com as nossas condições pessoais, por que não transformar esse desejo em realidade?!

## O tempo e o cérebro

Hoje em dia, a ciência da formação e transformação dos hábitos prescreve, inclusive, o uso da chamada terapia de reversão, instrumento eficaz de revisão de comportamentos rotineiros indesejáveis e nocivos, sobretudo, à saúde mental do ser humano, na medida em que o privam de um dos dons mais preciosos que a vida lhe oferece: a liberdade de escolher, alterar, substituir ou abolir formas habituais de lidar consigo mesmo e com o outro.

A propósito disso, lembro-me de um texto que recebi há cerca de três anos, atribuído a Aldo Novak, jornalista, escritor, conferencista e coach, intitulado Percepção do tempo pelo cérebro.

Em seu entendimento, aquela sensação, experimentada por todos nós, de que o tempo está passando mais depressa do que antigamente, é fruto da rotina que, embora na prática tenha lá suas vantagens, pode e deve ser evitada, principalmente quando se percebe, ao final de cada dia, que nada fizemos de significativo para torná-lo menos enfadonho.

No que se refere à correlação entre atos/pensamentos repetitivos e a impressão de que o tempo está cada vez mais acelerado, o autor põe em relevo a circunstância de que, tendo um adulto médio entre 40 e 60 mil pensamentos por dia, “qualquer um de nós ficaria louco se o cérebro tivesse que processar conscientemente tal quantidade”. Daí porque, levando-se em conta a forma adequada pela qual o nosso cérebro consegue lidar com essa diuturna reiteração de pensamentos, digamos, corriqueiros, é possível concluir, seguramente, que a maior parte deles “é automatizada e não aparece no índice de eventos do dia”, como se nunca tivessem nos ocorrido. Com efeito:

“Para que não fiquemos loucos – acrescenta Novak – o cérebro faz parecer que nós não vimos, não sentimos e não vivenciamos aqueles pensamentos automáticos, repetidos, iguais. Por isso, quando você vive uma experiência pela primeira vez, ele dedica muitos recursos para compreender o que está acontecendo. É quando você se sente mais vivo. Conforme a mesma experiência vai se repetindo, ele vai simplesmente colocando suas reações no modo automático e ‘apagando’ as experiências duplicadas...”



*O que o cérebro humano faz, na verdade, é aplicar a chamada “lei do menor esforço” quando converte a rotina em hábito, ou padrão comportamental, liberando espaço na mente para novas e mais relevantes experiências. Este instinto de poupar esforço, na opinião de Charles Duhigg (O Poder do Hábito – Por que fazemos o que fazemos na vida e nos negócios, Objetiva, 2012, pág. 35), “é uma enorme vantagem. Um cérebro eficiente também nos permite parar de pensar constantemente em comportamentos básicos, tais como andar e escolher o que comer, de modo que podemos dedicar energia mental para inventar lanças, sistemas de irrigação e, por fim, aviões e videogames”. Sua definição técnica dos hábitos que incorporamos ao nosso cotidiano é muito simples: “as escolhas que todos fazemos deliberadamente em algum momento, e nas quais paramos de pensar depois, mas continuamos fazendo, normalmente todo dia”.*

Aldo Novak cita, como exemplo, o conjunto de procedimentos que exigem de nós uma atenção redobrada quando recebemos as primeiras lições de direção de veículos e que,

depois de algum tempo, passamos a adotar de forma automática, sem pensar no que estamos fazendo:

*“Quando começamos a dirigir, tudo parece muito complicado, o câmbio, os espelhos, os outros veículos, nossa atenção parece ser requisitada ao máximo. Então, um dia dirigimos trocando de marcha, olhando os semáforos, lendo os sinais ou até falando ao celular [proibido no Brasil], ao mesmo tempo. E você usa apenas uma pequena ‘área’ da atenção para isso.*

*Como acontece? Simples: o cérebro já sabe o que está escrito nas placas (você não lê com os olhos, mas com a imagem anterior, na mente); o cérebro já sabe qual marcha trocar (ele simplesmente pega suas experiências passadas e usa, no lugar de repetir realmente a experiência)”.*

E arremata:

*“Em outras palavras, você não vivenciou aquela experiência, pelo menos para a mente. Aqueles críticos segundos de troca de marcha, leitura de placas, são apagados de sua noção de passagem do tempo (...) Veja, quando você começa a repetir algo exatamente igual, a mente apaga a experiência repetida.*

*Conforme envelhecemos, as coisas começam a se repetir – as mesmas ruas, pessoas, problemas, desafios, programas de televisão, reclamações. Enfim, as experiências novas (aquelas que fazem a mente parar e pensar de verdade, fazendo com que seu dia pareça ter sido longo e cheio de novidades), vão diminuindo. Até que tanta coisa se repete que fica difícil dizer o que tivemos de novidade na semana, no ano ou, para algumas pessoas, na década.*

*Em outras palavras, o que faz o tempo parecer que acelera é a r-o-t-i-n-a...”*

## Uma história exemplar

A atriz, cantora e escritora Odete Lara, que traduziu para o português a obra *Para viver em paz – o milagre da mente alerta* (27ª. Ed., Vozes, 2009), do monge vietnamita Thich Nhat Hanh, conta uma história interessante para dar testemunho da importância atribuída pelo autor à nossa capacidade de abolir comportamentos repetitivos que nos induzem a caminhar pela estrada da vida no “piloto automático”, fazendo-nos desperdiçar grandes oportunidades de crescimento enquanto ser humano e, como tal, dotado de capacidade de entendimento e de autodeterminação:

*Lembro-me de como o esquema intelectual de aprendizado a que estamos habituados era inteiramente desarmado pela forma incomum e dinâmica com que Thich Nhat Hanh conduzia as aulas. Estas estavam longe de ser um cabedal de conhecimento para se levar para casa, estudar e arquivar para uso futuro. Elas nos faziam reagir ao novo conhecimento, no próprio momento em que estava sendo transmitido. Por serem as aulas de manhã muito cedo, alguns estudantes, apesar do interesse, demonstravam às vezes alguma sonolência.*

*Notando isso, Thich Nhat Hanh comentou: ‘Você está sonolento hoje e precisam despertar’. Pediu então que algum voluntário fosse até ele. Apresentou-se uma monja a quem ele cedeu gentilmente sua cadeira, pedindo-lhe em seguida que cantasse uma canção. O espanto foi geral e o da monja, maior. ‘Cantar?’ – respondeu ela pronta a escapar – ‘eu não conheço música nenhuma’. ‘Cante então algo de sua infância, nós todos gostaríamos de ouvir’. Embaraçada, a monja cantou uma curta canção infantil enquanto nós, admirados, ouvíamos. Terminado o canto, Thich Nhat Hanh agradeceu-lhe pela gentileza de ter despertado a classe. E, de fato, o que se verificou foi que, com essa simples quebra de comportamento habitual, todos se tornaram vivamente atentos. O que aprendi com esse episódio – no início aparentemente pueril e sem sentido – foi que não é analisando nosso comportamento que o mudamos, mas sim quebrando seus padrões habituais.*

### Mudar e marcar

E a receita para eliminar a incômoda sensação de que o tempo passa cada vez mais rápido é o próprio autor que nos oferece:

*“Felizmente há um antídoto: Mude e marque. Mude, fazendo algo diferente e marque, fazendo um ritual, uma festa ou registros com fotos. Mude de paisagem, tire férias com a família (sugiro que você tire férias sempre e, preferencialmente, para um lugar quente em um ano e frio no seguinte) e marque com fotos, cartões postais e cartas. Tenha filhos (eles destroem a rotina) e sempre faça festas de aniversário para eles, e para você (marcando o evento e diferenciando o dia); use e abuse dos rituais para tornar momentos especiais diferentes de momentos usuais. Faça festas de noivado, casamento, 15 anos, bodas disso ou daquilo, bota-foras, participe da formatura de sua turma, visite parentes distantes, vá a uma final de campeonato, entre na universidade com 60 anos, troque a cor do cabelo, deixe a barba, tire a barba, compre enfeites diferentes no natal, ou faça os enfeites com frutas da região e a participação das crianças, vá a shows, cozinhe uma receita nova, tirada de um livro novo. Escolha roupas diferentes, não pinte a casa da mesma cor, faça diferente.*

*Beije diferente sua paixão e viva com ela momentos diferentes. Vá a mercados diferentes, leia livros diferentes, busque experiências diferentes (...) Se você tiver dinheiro, especialmente se já estiver aposentado, vá com seu marido, esposa ou amigos para*

*outras cidades ou países, veja outras culturas, visite museus estranhos, deguste pratos esquisitos.*

*Em outras palavras v-i-v-a, porque se você viver intensamente as diferenças, o tempo vai parecer mais longo.."*

Mas não tenhamos pressa de mudar. A propósito, sigamos o conselho atribuído a Clarice Lispector, mas cuja autoria é reivindicada por Edson Marques:

*"Mude*

*Mas comece devagar, porque a direção é mais importante que a velocidade.*

*Mude de caminho, ande por outras ruas, observando os lugares por onde você passa.*

*Veja o mundo de outras perspectivas.*

*Descubra novos horizontes.*

*Não faça do hábito um estilo de vida.*

*Ame a novidade.*

*Tente o novo todo dia.*

*O novo lado, o novo método, o novo sabor, o novo jeito, o novo prazer, o novo amor.*

*Busque novos amigos, tente novos amores.*

*Faça novas relações.*

*Experimente a gostosura da surpresa.*

*Troque esse monte de medo por um pouco de vida.*

*Ame muito, cada vez mais, e de modos diferentes.*

*Troque de bolsa, de carteira, de malas, de atitude.*

*Mude.*

*Dê uma chance ao inesperado.*

*Abrace a gostosura da Surpresa.*

*Sonhe só o sonho certo e realize-o todo dia.*

*Lembre-se de que a Vida é uma só,*

*e decida-se por arrumar um outro emprego,*

*uma nova ocupação, um trabalho mais prazeroso, mais digno, mais humano.*

*Abra seu coração de dentro para fora.*

*Se você não encontrar razões para ser livre, invente-as.*

*Exagere na criatividade.*

*E aproveite para fazer uma viagem longa, se possível sem destino.*

*Experimente coisas diferentes, troque novamente.*

*Mude, de novo.*

*Experimente outra vez.*

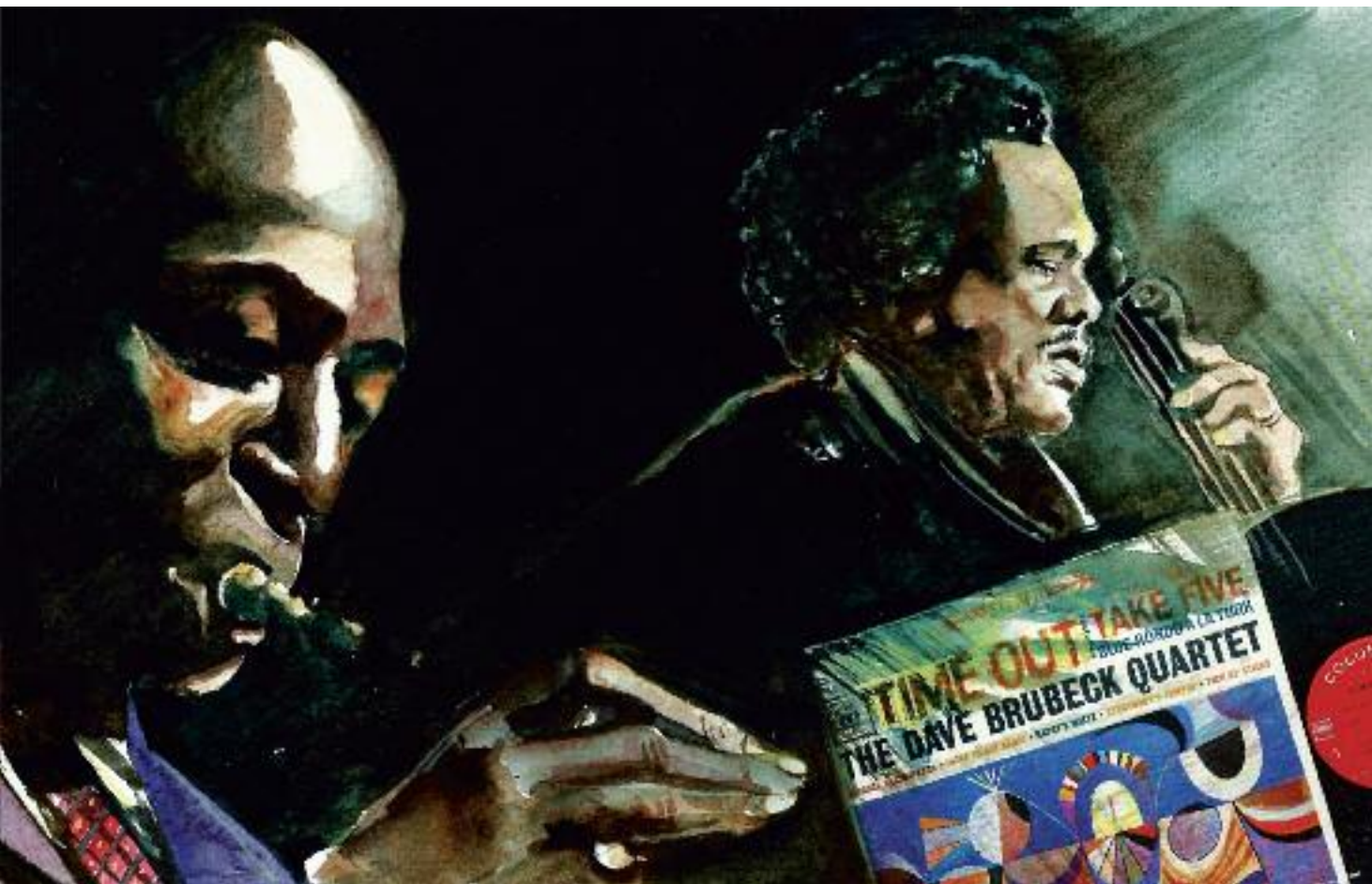
*Você conhecerá coisas melhores e coisas piores, mas não é isso o que importa.*

*O mais importante é a mudança,*

*o movimento, a energia, o entusiasmo.*

*Só o que está morto não muda!"*

“Conforme envelhecemos, as coisas começam a se repetir – as mesmas ruas, pessoas, problemas, desafios, programas de televisão, reclamações. [...] as experiências novas, aquelas que fazem a mente parar e pensar de verdade, fazendo com que seu dia pareça ter sido longo e cheio de novidades, vão diminuindo.”





# 1959 e a explosão criativa do Jazz

Átila Andrade de Castro

Juíz da 4ª Vara Cível de Belo Horizonte

Cinquenta e cinco anos já se passaram e pouco se fala de 1959 nos manuais de efemérides. Não houve naquele ano nenhum desembarque na Normandia, que notabilizou 1944, e nem a derrubada de um muro, que tornou 1989 um divisor de águas na história recente da humanidade. Talvez apenas a revolução cubana se destaque naquele período, o que por si só mostra que 1959 provavelmente estará condenado à irrelevância histórica. Isso quando se fala de história, de política, de economia. Mas não quando se fala de jazz.

Para os amantes do jazz, considerado por muitos a única manifestação de arte autêntica americana, 1959 jamais será esquecido. Antes pelo contrário, estará sempre em seu panteão como o período em que se viu a mais explosiva e genial criação do gênero.

E, por incrível que pareça, tudo aconteceu em um único lugar em Nova York: uma igreja presbiteriana abandonada, localizada na 30th Street, em Manhattan, que a Columbia Records passou a utilizar como estúdio em virtude da acústica perfeita oferecida pelo lugar. Dal saíram três dos discos que mudariam para sempre o jazz: os míticos *"Kind Of Blue"*, de Miles Davis, *"Time Out"*, de Dave Brubeck e *"Mingus Ah Um"*, de Charles Mingus.

## O divisor de águas

*"Kind Of Blue"* é provavelmente o mais vendido disco de jazz de todos os tempos e continua a vender número expressivo de cópias ano após ano. É ainda considerado por muitos críticos

como o mais importante – ou pelo menos o mais influente – disco de jazz já gravado. E é sempre incluído em todas as listas de melhores e maiores discos, não apenas do jazz, mas de todas as categorias da indústria fonográfica.

Concebido por Miles Davis de maneira improvisada, foi apresentado aos integrantes da banda em simples rascunhos, sobre os quais cada um deveria inserir seus respectivos solos. Usava o sistema modal, que remonta à música medieval, renascentista, oriental e de rituais tribais, em contraposição ao então predominante sistema tonal, de acordes, com regras harmônicas mais rígidas. E para tanto convidou para a empreitada músicos de invejável competência. Além do próprio Davis no trompete, o grupo era composto pelo pianista e arranjador Bill Evans, pelo também pianista Wynton Kelly, pelo contrabaixista Paul Chambers, pelos saxofonistas Julian *"Cannonball"* Adderley (alto) e John Coltrane (tenor) e pelo baterista Jimmy Cobb.

Miles Davis, o líder, sempre foi considerado um músico inquieto. Desde que começou seus estudos na Juilliard School, ainda muito jovem, sempre esteve atento ao que se desenrolava no cenário musical. Não demorou a descobrir e a se interessar pelo estilo agressivo e vanguardista do saxofonista Charlie *"Bird"* Parker e do trompetista Dizzy Gillespie – aquele das famosas bochechas infladas – que dominavam o jazz novaiorquino com o 'bebop'. Já há quem diga que a matrícula de Miles na Juilliard foi apenas o pretexto para se fixar em Nova York e encontrar Bird, cujo trabalho ele já conhecia e admirava. Mas de qualquer modo, certo é que Miles abandonou a escola e passou a acompanhar Bird, não apenas na música, mas também no vício em drogas pesadas, que levaram Charlie Parker à morte com apenas 34 anos.

Miles viveu no meio do 'bebop' enquanto pode, mas dizia-se que se sentia limitado e incapaz de oferecer solos virtuosos e versáteis como Dizzy e Bird. Tomado pela inquietude que lhe era peculiar, partiu então para a concepção de algo novo, o chamado 'cool jazz', que redundou no famoso álbum *"Birth of the cool"*, de 1949, também revolucionário para a época, pois "retirava" o jazz dos solos e ritmos alucinantes do 'bebop' e levava a música para um estilo mais contido, minimalista, reflexivo, embora para o próprio Miles ser 'cool' sempre significou ser apenas – ou primordialmente – adepto de novas tendências, o que era marca de seu temperamento.

Durante os anos seguintes, Miles gravou alguns discos menos importantes, talvez por ainda estar tomado pelo vício em heroína, que só largaria anos depois, ao trancar-se na casa dos pais para superar a dependência. Recuperado e livre das drogas, voltou ao cenário musical revigorado, fundando o primeiro de seus dois famosos quintetos, fazendo experimentações e contatos com alguns músicos brilhantes daquela geração.

Até que chegamos em 1959. Miles reúne um grupo inigualável de gênios e grava *"Kind of Blue"* em apenas duas sessões no estúdio da Columbia. Abrindo com o impacto de *"So What"*, seguido por *"Freddie Freeloader"*, *"Blue in Green"*, *"All Blues"* e

“Para os amantes do jazz, considerado por muitos a única manifestação de arte autêntica americana, 1959 jamais será esquecido.”

finalizando com *"Flamenco Sketches"*, Miles não poderia saber – mas certamente esperava – que produzia ali um novo marco para o jazz. Nada seria como antes. O álbum é continuamente citado, ouvido, e ovacionado pelos fãs. E para a maioria dos novos ouvintes é recebido com o mesmo entusiasmo dos primeiros compradores que o encontraram nas lojas em agosto de 1959. Imperdível, em uma única palavra.

O grupo de *"Kind of Blue"* desfez-se em pouco tempo. Todos que fizeram parte da banda adquiriram brilho próprio. Coltrane é considerado o maior saxofonista de todos os tempos. Ninguém jamais chegou perto de sua técnica, de sua inventividade, de seu domínio do instrumento. Bill Evans e Cannonball Adderley fizeram muito sucesso em carreiras solo, gravando até o fim da vida. Paul Chambers desfrutava de grande prestígio entre os músicos, tendo integrado diversas bandas e sendo ovacionado por grandes gênios do jazz, que fizeram músicas em sua homenagem, como Sonny Rollins, o próprio Coltrane e o virtuoso baterista Max Roach, com quem tocou em diversas *"cozinhas"* (baixo e bateria das bandas, responsáveis pelo suporte rítmico da música). Wynton Kelly também continuou tocando e fazendo turnês, mas faleceu com apenas 39 anos. E, surpreendentemente, Jimmy Cobb, o único remanescente do grupo, continua tocando esporadicamente em Nova York, aos 85 anos.

“Coltrane é considerado o maior saxofonista de todos os tempos. Ninguém jamais chegou perto de sua técnica, de sua inventividade, de seu domínio do instrumento.”

Miles, como sempre, partiu em busca de novos desafios. Fundou um novo quinteto com seu faro para novos talentos, projetando músicos do quilate de Ron Carter, Herbie Hancock, Tony Williams e Wayne Shorter, que também se tornaram estrelas de primeira grandeza. Gravou outros discos importantes, *"visitou"* obras clássicas com arranjos jazzísticos, fundiu o jazz com a música eletrônica, enfim, sempre esteve na vanguarda, mas nunca voltou ao ápice de *"Kind of Blue"*.

### O hermético que ficou popular

Do outro lado dos Estados Unidos, um jovem pianista branco também estava prestes a produzir outro belo trabalho profundamente marcante. David Warren Brubeck, ou apenas Dave Brubeck, de família ligada à música, ex-combatente na Segunda Guerra Mundial, era um músico talentoso desde criança. Quando jovem, gostava apenas de tocar, sendo resistente ao estudo metódico da música. Surpreendeu professores que, admirados com sua técnica, não acreditavam que Brubeck não sabia ler partituras. Ao retornar do front, Brubeck passou a levar o estudo a sério, tornando-se aluno do compositor francês Darius Milhaud, que o aproximou da música erudita. Assistiu palestras do gênio alemão Arnold Schoenberg, que então revolucionava a harmonia na música clássica. Tocou em algumas bandas, fez turnês internacionais custeadas pelo exército americano e finalmente juntou-se ao saxofonista alto Paul Desmond, com quem manteria longa e produtiva parceria.

Nos primeiros trabalhos com Desmond, Brubeck praticava um estilo que se dizia derivado do *'cool jazz'* que Miles Davis teria dado à luz em Nova York, chamado na Califórnia de *'West Coast Jazz'*. Se na Costa Leste o jazz era praticado predominantemente por negros, na Costa do Pacífico os músicos brancos, como Brubeck, Paul Desmond, Chet Baker e Gerry Mulligan dominavam o cenário. Havia certa rivalidade entre os dois grupos, embora ambos desfrutassem de prestígio junto aos ouvintes do gênero. Mas de modo geral os músicos do West Coast Jazz eram tidos como mais comportados.

Quando Dave Brubeck entrou no famoso estúdio da 30th Street para gravar com seu quarteto (Brubeck no piano, Desmond no sax alto, Joe Morello na bateria e Eugene Wright no baixo) a Columbia Records não imaginava que dali sairia outra grande obra prima. E menos ainda, não se pensava que músicos comportados da Costa Oeste fossem ousados como Brubeck e seus músicos fizeram em *"Time Out"*. O uso ostensivo de compas-

tos inusitados e pouco comuns para o jazz tornava o trabalho complexo, de difícil audição para ouvintes acostumados a seguir compassos tradicionais de 2/4 e 4/4. Brubeck desafiava o establishment com compassos de 9/8 e 5/4. Numa época em que prevaleciam os solos de instrumentos de sopro, a música master do álbum, *"Take Five"*, composta por Paul Desmond, apresentava um inusitado e longo solo de bateria – executado com maestria por Joe Morello – exigindo que Brubeck, no piano, mantivesse a marcação rítmica para que o ouvinte não se perdesse. *"Blue Rondo a la Turk"*, a primeira faixa do álbum, foi composta em ritmo de marcha turca, e também usava compasso incomum, 9/8. E para completar as excentricidades, a capa escolhida foi uma pintura do artista havaiano Neil Fujita, desafiando o lugar-comum de estampar nos álbuns apenas fotos de seus músicos.

Após a hesitação inicial, a Columbia aceitou o desafio. Mas só o fez em 1960, embora as gravações tenham ocorrido em 1959. O resultado: *"Time Out"* foi o primeiro disco de jazz a alcançar a vendagem de um milhão de cópias. E continua, como *"Kind of Blue"*, a vender expressivamente até os dias de hoje. Ao contrário do que se pensava, o estranhamento que poderia afastar os fãs do jazz acabou por se converter em uma adoração contínua e difundida, tornando o álbum que se imaginava hermético em obra popular, muito conhecida mesmo para os admiradores de outros gêneros da música e habitualmente usada até em campanhas publicitárias.

Brubeck e Desmond mantiveram a parceria por muito tempo. E por muitos "tempos", pois apoiados no sucesso de *"Time Out"*, seguiram-se o lançamento dos álbuns *"Time Further Out"*, *"Time In"*, *"Countdown: Time In Outer Space"* e *"Time Changes"*, posteriormente reunidos em um belo box set lançado em 2004, com o nome de *"For All Time"*.

### O estilo sem rótulos

1959 ainda viu o lançamento de outra obra marcante. No mesmo estúdio da Columbia Records, o grandalhão e irascível contrabaixista Charles Mingus gravou o fantástico *"Mingus Ah Um"*, com harmonias complexas, dissonantes, que assustaram o mundo da música. Nem Mingus sabia dizer em que estilo sua música se enquadrava; aliás, detestava rótulos e quando questionado se tocava 'hardbop', 'cool jazz' ou 'free jazz', dizia que tocava apenas a música dele, de Charles Mingus. Certo é que seu trabalho mostrou aos músicos que a criatividade não

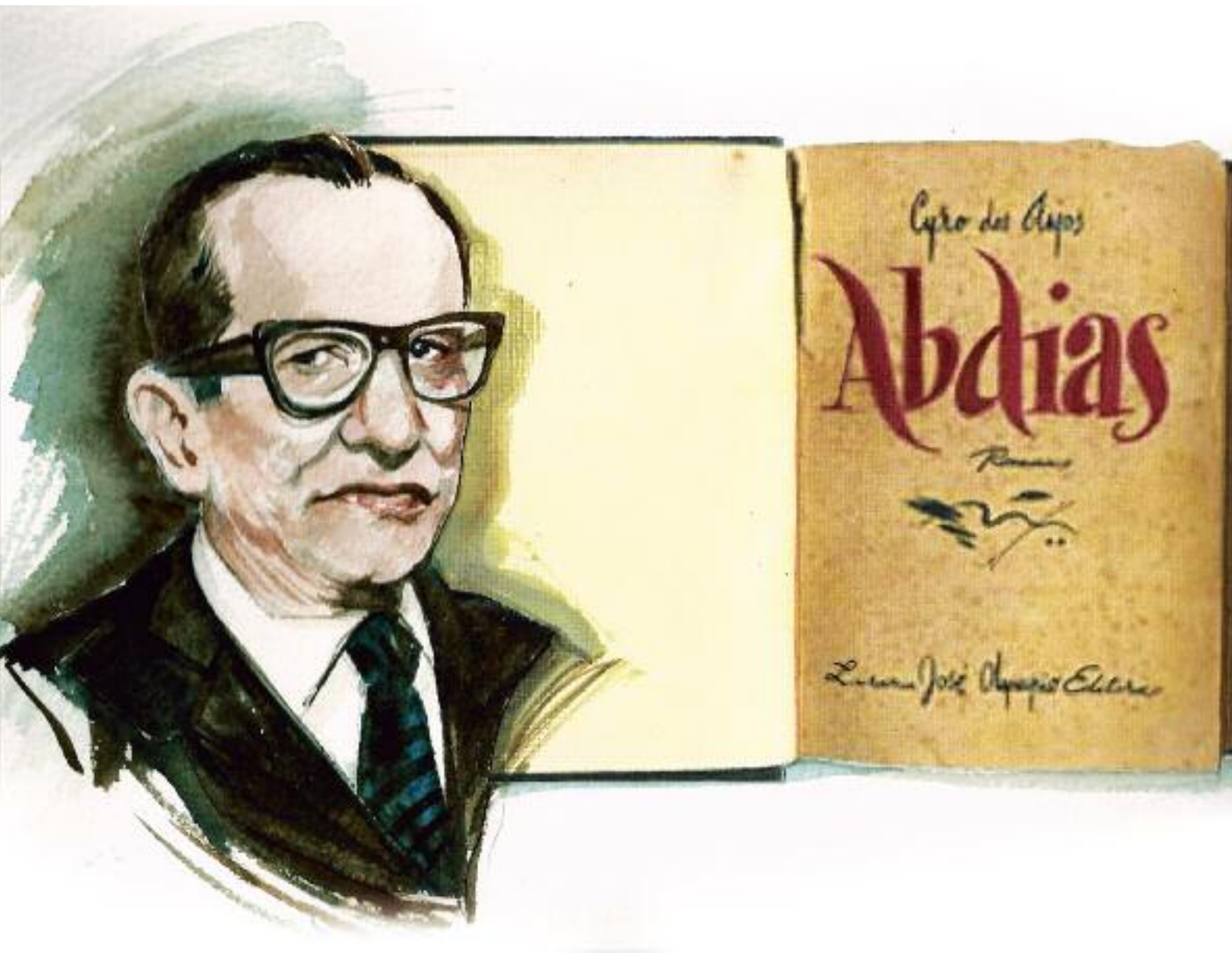
admitia limites e que tudo era possível no jazz. Junto com os bateristas Art Blakey e Max Roach, Mingus também teve o mérito de tirar a "cozinha" do fundo dos palcos, alçando-a à condição de protagonista de shows. Foram poucos que conseguiram essa proeza. Para coroar a ousadia, tanto quanto Brubeck, trouxe em sua capa outra obra do artista Neil Fujita.

O jazz sempre foi um gênero produtivo, intenso, rico e cheio de nuances. Quase todos os músicos de jazz gravaram furiosamente, com vasta produção de álbuns. Mas nunca se viu um ano como 1959. Em nenhuma outra época a genialidade atingiu patamares tão elevados como a que se materializou nestes álbuns antológicos.

Contudo, se em 1959 o destino foi generoso com o jazz, por outro lado cobrou um preço caro dos fãs, levando para a eternidade mitos como Billie Holiday, Sidney Bechet e Lester Young. Mas isso já é outra história.

“O jazz sempre foi um gênero produtivo, intenso, rico e cheio de nuances. Quase todos os músicos de jazz gravaram furiosamente, com vasta produção de álbuns. Mas nunca se viu um ano como 1959.”





# Os amores platônicos de um poeta lírico, mas em prosa

Gutemberg da Mota e Silva  
*Desembargador aposentado*

“**S**ou apenas um poeta lírico, em prosa, e só desejo que me deixem sossegado”, escreve Belmiro Borba, o personagem narrador de *‘O amanuense Belmiro’* (1937), álter ego, quase se pode dizer, de seu autor, Cyro dos Anjos, que, sobretudo em suas memórias e nesse seu primeiro e mais renomado romance – “*uma obra-prima, sem dúvida alguma*”, exclamou o crítico Antônio Cândido, no prefácio da sétima edição, após lê-lo cinco ou seis vezes – registra, em diário, a vida monótona de um letrado funcionário público na provinciana Belo Horizonte de meados dos anos 1930, alcançando na prosa alto nível poético, segredo da permanência de sua resumida, porém valiosa, obra literária.

Nascido em 5 de outubro de 1906, em Montes Claros, norte de Minas, retratada no primeiro livro de memórias, *‘Explorações no Tempo’* (1963), como Santana do Rio Verde, no *‘Amanuense’*, como Vila Caraíbas, e no segundo romance, *‘Abdias’* (1945), como Várzea dos Buritis, Cyro Versiani dos Anjos – falecido no Rio de Janeiro às 5 horas do dia 4 de agosto de 1994, aos 87 anos, viúvo, de parada cardiorrespiratória – foi jornalista, professor, cronista, romancista, ensaísta, memorialista, funcionário público, advogado (de um só cliente) e poeta bissexto, se se considerar que é poeta apenas quem escreve poemas.

No discurso com que, em 21 de outubro de 1969, o recebeu na Academia Brasileira de Letras, Cadeira 24, do poeta Manuel Bandeira, Aurélio Buarque de Holanda, depois de se referir a seus *‘Poemas coronários’* (1964), escritos num leito de hospital entre agosto e setembro de 1963, após um infarto, como “*versos menores, circunstanciais, apesar de alguns irrecusavelmente belos*”, observou que “*o poeta Cyro dos Anjos comparece, de verdade, e com alguma frequência, é no Cyro dos Anjos prosador*”.

## Em torno da mesa de pereiro branco

Décimo terceiro dos 14 filhos (nove homens) de Antônio dos Anjos e Carlota Versiani dos Anjos, Cyro viveu a meninice e adolescência sob “*a instância suprema, a suma potestade*” do pai, “*ante a qual se paralisavam a palavra e o gesto da prole*”, como lembra em *‘Explorações’*, cujo texto, revisto, passou a constituir a primeira parte, com o nome Santana do Rio Verde, de *‘A menina do sobrado’* (1979), contendo a segunda parte, Mocidade, Amores, suas memórias de Belo Horizonte.

O pai era fazendeiro, comerciante, dono de uma loja comercial, ponto de reunião de figuras locais. Aurélio Buarque diz que ele “*lecionava História, lia os modernos, pitadeava o seu*

*Latim, traçava o seu Horácio e, em matéria de respeito, não só filial, senão também linguístico, trazia a turma inteira no cortado*”.

Reunia o clã dos Versiani em torno de uma mesa de pereiro branco, procedendo habitualmente, nas refeições, a edificantes leituras, obrigando os filhos a escutá-las. Detestando-as, reservadamente, se alegravam se algum comensal mais cerimonioso levava o pai a não ler o trecho, tortura que os impedia de brincar mais cedo.

Waldemar Versiani dos Anjos, médico, autor do romance *‘Jornal de Serra Verde’*, falando a Zilah Corrêa de Araújo no Suplemento Literário do ‘Minas Gerais’ comemorativo dos 60 anos do irmão (nº 16, de 17 de dezembro de 1966), observou: “*Quanto à preocupação de Cyro com a língua, acho que isso vem do nosso pai. (...) era muito exigente, e desde cedo sofremos em casa a disciplina da língua, o velho era duro e não admitia desmazelos*”.

## Mãe, sombra doce, mas distante

A mãe – a quem perdeu com 15 anos – era “*sombra doce, mas distante*”, pois não podia cuidar tanto do resto dos filhos, absorvida com a caçula, Carlota, que nascera doente. “*Herdara o temperamento dos Versiani, que, sendo de procedência italiana, antes pareciam ingleses, pelo ar cerimonioso, contido, se não frio. Não me lembro de que me haja feito outro afago, além do olhar manso que acaso pousava em mim*”.

Os irmãos mais novos não puxavam conversa com os mais velhos, “*por medo a uma resposta atravessada, a uma zombaria, ou, segundo as circunstâncias, um tabefe. A rígida hierarquia não comportava o direito de perguntar, e inflexível disciplina reinava no clã: Valdemar escondia o cigarro diante de Antonico; Artur não pilheriava na presença de Carlos; Tito não se atrevia a nos pregar peças, estando Pedro nas proximidades; e Zezé, sempre brincalhão, acautelava-se com os que o precediam na ordem da idade*”.

Os mais velhos eram cautelosos, pois certas discussões levavam a rompimento “*inevitável e prolongado*”. (...) *Sem ter o gênio forte dos manos, as irmãs eram por igual suscetíveis e também procuravam preservar-se de choques, usando entre si de precauções só usuais no trato com estranhos*”.

## O “apaixonadiço” precoce e suas musas

Suas paixões amorosas, geralmente platônicas, começaram cedo. Em *‘Explorações’*, Cyro se diz um “apaixonadiço”, aquele que

“Meu amor era demasiado grande, para que uma só criatura o retivesse”, anota nas memórias.

se apaixonava com facilidade. Ao observar que o “apaixonadinho que é Belmiro e Abdias” já se mostra em suas memórias, Aurélio Buarque se baseia tão somente nos 18 anos em que Cyro viveu em Montes Claros, pois ‘A menina do Sobrado’ é bem posterior.

*Diz ele: “Pelos nove anos (como fostes precoce!) é vossa inflamadora paixão Maria da Glória, que já ia nos seus dezenove, ou vinte”. De grandes e negros olhos, ao violão cantava ‘as mais lindas modinhas deste mundo’. E em vosso peito as modinhas, o luar e as donzelas inoculavam – contais – ‘desesperados amores que nem mesmo aspiravam a ser correspondidos, pois a amada, por definição, havia de sobrepairar, distante e inatingível como uma deusa. Amores que se alimentavam de sua própria chama, encontrando em si mesmos o seu objeto.”*

Suas amadas de Santana do Rio Verde desfilam nas memórias, como Risoleta, que, com voz de flauta e fonte, cantava hinos à Virgem, nas novenas de maio. Cyro lamenta que tenham derrubado a palmeira-imperial de sua Tia Perpétua, “em cujo nobre tronco eu havia gravado a canivete, dentro dum coração, o R de Risoleta, pensando comunicar o meu amor às gerações vindouras, pelos séculos dos séculos”. O menino e o adolescente, tímidos e pudicos, amaram a tantas outras, como Priscila, Nazaré, Florisbela, Camila. “Meu amor era demasiado grande, para que uma só criatura o retivesse”, anota nas memórias.

O jornalista Newton Prates, seu conterrâneo, afirma na mesma edição do *Suplemento* que “a semente do elegíaco amanuense Belmiro já brotara naquele Cyro de 1920”, que, aos 14 anos, gerente de casa comercial (a do pai), “sentia bater o coração com mais força quando via subir a rua, indiferente, a morena dos seus sonhos. Abandonava junto ao balcão os fregueses esquivos, corria para a sobreloja, e, na vã tentativa de enternecer a moça, tirava num velho violino a escala musical, muito mal tocada...”

Cyro se envergonhava da função de caixeiro. Procurava não ser visto na rua por Priscila quando “trazia caixotes no ombro”, como já ocorrera. Certa vez, em teatro de jovens locais, sem jeito para galã (considerava-se feio), aceitou o modesto papel de carcereiro, só porque Priscila atuava na peça, mas o pai dele não permitiu: teatro só em casa, nas encenações organizadas pelas irmãs.

### Leitor aos quatro anos

Tido como menino prodígio, aprendeu a ler aos quatro anos. Entre os oito e nove, rabiscava um jornalzinho manuscrito, ‘*Horas Vagas*’. Aos 10, estimulado por amigo da família, dono de tipografia, lançou ‘*O Civilista*’, impresso. Por volta de 15, 16 anos, lia Machado, Eça e outros autores. Veio a Belo Horizonte, a primeira vez, aos 11 anos, prêmio por ter sido aprovado com louvor no quarto ano primário.

Em Montes Claros, jogou no América Infantil Futebol Clube, mas se afastou “depois de ter fracassado em todas as posições da linha e da defesa”. Além de na loja, trabalhou também como aprendiz de farmacêutico na farmácia de um irmão, e como auxiliar de outro, no Correio. Escreveu em jornais locais – ‘*Sentinela*’, ‘*Formigas*’. Na fazenda Porteirinha, para onde o pai voltara com a família, detestava as tarefas, principalmente por ficar longe das amadas e do footing na Rua do Bispo, e por considerá-las subalternas, para quem, depois dos 14 anos, já começara a sentir “*comichões literárias*”. Vingou-se mais de uma vez do vexame “*nos pobres suínos, repelindo a pontapé os focinhos que avançavam ávidos para mim, à vista da vasilha de lavagem*”.

Sem saber o rumo a seguir na vida, pensou em Belo Horizonte. Veio, então, em 1923, com o apoio de um irmão, para fazer os cursos preparatórios. A cidade crescera, fora inaugurado um Bazar, tinha novos prédios e se preparava para receber os trilhos da Central.

### Mancha branca perdida na ondulação azul

É dolorosa a sua despedida: “*Ao transpor, com o sol quebrando, a serra do Boi Mocho, lancei demorado olhar sobre Santana, miúda mancha branca perdida na ondulação azul do tabuleiro. Já não era o pequeno burgo a que eu me apegava tanto. Contudo, a imagem dos antigos dias encobria-me, no instante, a da cidade nova e das suas orgulhosas edificações. Dentro dessa nuvem que toldava o entusiasmo da partida, ocuparia lugar modesto o pensamento de que ia arredar-me do convívio dos pais. Área mais vasta coube às namoradas, aos passeios, aos bailes, à Rua do Bispo. (...) Por muito tempo, pela estrada afora, permanecera, na minha retina, a manchinha branca engastada no regaço da serra do Vieira. Por muito tempo? Para sempre! Bem mais tarde, nos meus giros pelo mundo, ante o esplendor da Riviera italiana ou de uma pincelada de sol poente, sobre o negro teto de uma casa basca, eu por vezes ficava insensível à beleza que ali se me oferecia aos olhos e sentia o pensamento mergulhar dentro de mim, irresistivelmente puxado para o sertão agreste, para Santana do Rio Verde e suas pobres paisagens!”*



### Drummond: amigo, compadre, confidente

Quatro anos mais novo do que Carlos Drummond de Andrade, tornou-se seu amigo em Belo Horizonte, em 1929, quando este era editor do *'Diário de Minas'*, e ele ali ingressava como redator. No Suplemento Literário do *'Minas Gerais'* nº 709, de 3 de maio de 1980, Cyro revela ter contado a Drummond que cinco anos antes o criticara no *'Formigas'*, atacando o modernismo e o chamando de *"Pagé do futurismo belo-horizontino"*. Amigos, compadres e confidentes, mantiveram extensa correspondência, entre 1931 e 1986, publicada sob o título *Cyro & Drummond*, com ótima organização de Wander Melo Miranda e Roberto Said.

### Boêmio de nascença, como os varões Versiani

Cyro integrou o grupo de literatos que se notabilizou em Belo Horizonte, na segunda metade dos anos 1920 e primeira dos 1930, dentre outros Drummond, Pedro Nava, Emílio Moura, João Alphonsus, Guilhermino César e Abgar Renault. Levavam vida boêmia, principalmente em torno dos famosos Café Estrela e Bar do Ponto.

Falando a Zilah Corrêa de Araújo, Maria Zonólia Rabelo Versiani, mulher de Waldemar Versiani, declara: *"Meu conhecimento da família Versiani dos Anjos me autoriza a concluir que todos os varões desta estirpe são meio boêmios de nascença..."* (Suplemento Literário do *'Minas Gerais'*, nº 8, de 22 de outubro de 1966). Newton Prates, em *"Ciro, sessenta anos"*, também no Suplemento (nº 16, 17 de dezembro de 1966), relembra as noites de serenata no Bairro dos Funcionários, na capital, com modinhas de violão. *"Ciro dos Anjos era um dos cantores mais apreciados do nosso grupo, e, dentro da madrugada fria, a sua voz soluçava as velhas modinhas mineiras junto a janelas ingratas: (...) Velhos tempos, bons tempos"*.

No primeiro capítulo de *'O amanuense'*, Belmiro e seus amigos, na véspera do Natal de 1935, concluíram, após o oitavo chope num bar do Parque Municipal, que *"todos os problemas eram insolúveis"*. Em busca da solução, pediram o nono, sob aplauso.

### Advogado de só um cliente

Nos anos da Faculdade Direito da UMG, Cyro trabalhou como funcionário público e jornalista, no *'Diário da Tarde'* (1927), *'Diário do Comércio'* (1928) e *'Diário de Minas'* (1929 a 1931). Formado em 1932, voltou a Montes Claros. Com escritório na Praça Dr. Chaves, nº 35, escreveu a Drummond em 11 de junho de 1932, dizendo-lhe que examinava se valia a pena *"ser advogado aqui, ou voltar para Belo Horizonte. Até agora, minha impressão é péssima, acerca das possibilidades de minha banca aqui"*.

Aurélio Buarque conta que ele teve só um cliente. *"Caso de cobrança executiva, contra um velho jogador profissional: Escreveste-lhe uma carta, a que o velho respondeu com lamúrias, lembrando antiga amizade de família. Como é que o menino que ele tratara tão carinhosamente ia agora, homem feito, submetê-lo àquele vexame? O jovem advogado se entenece, desiste da ação – e da Advocacia"*.

### Promotor de Justiça: ideia abandonada

Em carta de 25 de abril de 1932, alegando que *"este ano vai ser duro aqui (falta de chuvas etc.) e a advocacia será difícil"*, manifestou a Drummond – então chefe de gabinete de Gustavo Capanema na Secretaria do Interior de Minas Gerais – o desejo de ser promotor de Justiça. Ao poeta – que, dias antes, em 16 de abril, fora seu padrinho de casamento com Zelita Costa (a Lilita), em Montes Claros – Cyro pediu que empregasse *"sua boa vontade"* no sentido de que o presidente do Estado (cargo correspondente, hoje, ao de governador), promovesse o então juiz da comarca (Abelardo), como este pleiteara, para a de Jacutinga; nomeasse Lair Santos, o promotor, para o cargo vago do juiz, e a ele, Cyro, para a promotoria, no lugar deste.

Pouco depois, cancelou o pedido, pois já exercera atividade política ali: *"O promotor de Montes Claros deve ser pessoa de fora. Só assim ficará à vontade para agir com todo rigor. No meu caso, então, era de todo desaconselhável pleitear o cargo"*. Na promotoria, esqueceria *"as prevenções do passado"*, mas jamais acreditariam na sua neutralidade. *"(...) Continuarei mesmo no Minas, até quando isso for possível"*.

Retornando à capital, trabalhou em *'A Tribuna'* (1933) e no *'Estado de Minas'* (1934-1935), foi oficial de gabinete na Secretaria das Finanças até 1935, oficial de gabinete do governador Benedito Valadares (1935-1938), diretor da Imprensa Oficial (1938-1940), membro do Conselho Administrativo do Estado (1940-1942) e presidente deste (1942-1945). Na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, lecionou Literatura Portuguesa (1940-1946). Foi para o Rio em 1946. Assessor do ministro da Justiça e diretor do Ipase (1946-1951), escrevia em jornais cariocas.

Na promotoria,  
esqueceria “as  
prevenções do  
passado”, mas jamais  
acreditariam na  
sua neutralidade.

### No exterior, concluiu o último romance

A serviço do Itamarati, regeu no México, de 1952 a 1954, a cadeira de Estudos Brasileiros da Universidade do México. Em Portugal, até 1955, regeu a mesma cadeira na Universidade de Lisboa. Nesses países escreveu o ensaio *'A criação literária'* (1954), publicado em Coimbra, e concluiu *'Montanha'* (1956), romance político idealizado quando da queda do Estado Novo, em 1945.

Romance "com chave", inspirado nos personagens políticos da época, que transitam ao lado dos imaginários, é dominante a opinião de que não está à altura dos anteriores. O próprio Waldemar Versiani, na citada entrevista, afirmou que *'Montanha'* "não rimou com o clima de *Ciro*, que os leitores já conhecem fartamente, com bonecos que não têm a força de duração de *Belmiro* e do *Professor Abdias*". Mas achava que sua figura feminina, Ana Maria, salvaria o livro. Apontou-se quem é quem no livro. Cyro nunca confirmou. Mas, sem dúvida, *'Montanha'* é Minas; *'Piratininga'*, São Paulo; e *'O homem'*, Getúlio Vargas.

### "Velho plano" concretizado no Louvre

A correspondência com Drummond não cessou no exterior, para onde Cyro levava a mulher e os filhos (tiveram seis, e 14 netos), nem quando, nos últimos anos, moravam na mesma cidade: o Rio. Os amigos tratavam de tudo, até contavam piadas e faziam gracinhas. Escrevendo de Lisboa em 28 de junho de 1954, Cyro diz que visitara o Museu do Louvre, e graceja: "De acordo com o meu velho plano, dei um tapinha na bunda da *Vênus de Milo*, num momento em que o guarda estava distraído".

“De acordo com o meu velho plano, dei um tapinha na bunda da *Vênus de Milo*, num momento em que o guarda estava distraído.”

Retornando ao país, foi nomeado em 1957 subchefe do Gabinete Civil da Presidência da República, no governo de Juscelino Kubitschek. Morou vários anos em Brasília, onde foi conselheiro do Tribunal de Contas do DF e professor da Universidade. Aposentado, voltou a morar no Rio, em 1976.

### O amanuense Belmiro e a Donzela Arabela

Em 1933, em *'A Tribuna'*, como Belmiro Borba, publicou crônicas que foram o germe de *'O amanuense Belmiro'*, escrito em pouco mais de um mês. Escrevendo a Drummond em 10 de junho de 1938, diz que "empurrara" o ano anterior "com a ajuda de uma namorada imaginária, mas este está duro de roer". Referia-se ao romance, no qual Belmiro Borba, solteiro, morador da Rua Erê, no Prado, com duas irmãs, conhece no carnaval a bela jovem Carmélia, que lhe oferece a mão para dançar, e por ela se apaixona. No diário, dividido entre a saudade da terra natal e a pacata vida da nova capital, faz como que uma crônica da sociedade mineira de então.

Na dissertação "Olhar e memória em *'O Amanuense Belmiro'*, de Cyro dos Anjos", apresentada em 2011 na Universidade Estadual de Montes Claros (disponível na internet), Catiana Fernandes Ferreira Silva observa que o amanuense devota paixão "a uma jovem desconhecida da alta sociedade, Carmélia, comparada por ele com uma personagem lendária, a Donzela Arabela, que também desperta em sua memória a lembrança de Camila, sua namorada dos tempos de infância em Vila Caraíbas". Ela estudou o romance "devido à visão lírica e ao senso poético" de Belmiro "diante das coisas e da vida".

Para Newton Prates, "quase todos têm o seu bocado de Belmiro, têm a sua donzela Arabela mais ou menos escondida lá dentro do coração, o desencanto, a amargura, os desapontamentos, as vacilações, a marca poética do herói frustrado. Tão poderosa é a sua força sentimental e lírica, o conteúdo humano da figura criada no livro, que os numerosos e resignados Belmiros que andam por aí se sentem retratados pelo romancista, que chega às vezes a lhes parecer indiscretos por revelar estados de espírito que são os mesmos de todos na mesma linhagem sentimental, mas que julgam ser um bem particular".

### O professor Abdias e a aluna adolescente

Oito anos depois, em 1945, saiu 'Abdias', escrito em dois anos, com enredo bem definido, o amor platônico de um professor, quase quarentão, casado (com Carlota, nome da mãe de Cyro), por aluna adolescente, Gabriela, no colégio das Irmãs Ursulinas. Ele cria pretextos para vê-la fora da escola, dá desculpas em casa, e é até acometido, de relance, de mau pensamento, o de que, se Carlota morresse, não haveria mais obstáculos a seu amor pela aluna.

Miécio Tati, em "Dois romances de Cyro dos Anjos", nota que, apesar dos oito anos de diferença, aparentam ter a mesma idade, sendo, "a bem dizer, romances gêmeos. Recorrendo à terminologia musical, poderíamos falar em variações em torno de um mesmo tema, ou motivo melódico, identificável a um ouvido educado. O motivo melódico comum seria a intimidade de uma só e indivisível criatura, com dois nomes, Abdias e Belmiro, apenas colocadas, nas duas obras que se somam, dentro de intrigas diferentes. Até que ponto Abdias e Belmiro são o escritor Cyro dos Anjos, só quem tenha privado com este tão bem quanto ele próprio poderá dizê-lo".

Drummond, em carta de 11 de novembro de 1945, exprime a mesma ideia: "Apesar de considerar o 'Amanuense' uma coisa literariamente perfeita, achei que neste novo romance você conseguiu mais da arte de escrever. (...) Os dois livros se aproximam muito (...), porém não há repetição, e sim variações novas do mesmo tipo humano".

### "Carlota, a vida é um tecido de equívocos."

Como no caso Belmiro / Carmélia, o amor de Abdias por Gabriela também não se concretiza. No final, falecida a esposa, Abdias escreve uma das mais pungentes páginas de seu diário: "Carlota, a vida é um tecido de equívocos. Foi preciso que morresses para eu saber que te amava e que éramos felizes, na monotonia dos nossos dias. Nessa monotonia, formada de coisas simples e permanentes, encobria-se a felicidade. A sede de coisas novas levamos a desconhecer nosso próprio bem. Fugindo ao que me parecia medíocre, perdi-me num mundo de aparências enganosas. Agora,

a solidão fez de mim sua presa. Que terrível e opressiva solidão, Carlota! Ao entrar no quarto deserto, tento iludir-me, imaginando que te vou encontrar e que, sendo a vida um sonho, tua morte foi um sonho dentro de um sonho. Na verdade, depois que a morte confiscou tua presença física, existes mais viva aos meus olhos, iluminados por uma luz nova. Antigamente, estavas comigo e, contudo, vendo-te, não te via. Agora te encontro por toda a parte, descubro-te em todas as coisas, sei a cor dos teus cabelos, o modelado do teu rosto, sinto a pressão carinhosa dos braços que me envolviam na escuridão. (...) Que saudade, minha amiga, da vida que vivemos, das discretas emoções que sentimos juntos! Que saudade de nossas conversações, nossos passeios ao crepúsculo, aqueles serões silenciosos em que eu escrevia e tu bordavas, de quando em quando me interrompendo para contar qualquer coisa acerca dos meninos... (...) Carlota, perdoa-me os meus desvarios. Deus permitiu que, sendo tu viva ainda, eu tivesse podido voltar ao teu afeto e começar minha reabilitação. Para castigo meu, talvez, os dias de novo se tornaram doces, em tua companhia, quando já estavas para me deixar... Ó Carlota, se fosse possível..."

### O amor definitivo: a menina do sobrado

Como indica o título da segunda parte de 'A menina do sobrado' ('Mocidade, Amores'), nela Cyro trata dos novos amores e paixões, tema dominante; do footing na Praça da Liberdade, como o da Rua do Bispo; das moças que frequentavam o Cine Odeon e que, quando em grupo, eram as deidades, divindades; da sua vida em pensão e em república, da luta pelo emprego, do trabalho em jornal, das leituras, da vida literária, dos acontecimentos políticos, da vida da capital naqueles anos, do trabalho atrás de um birô, o ao mesmo tempo maldito e bendito "Birô", que não lhe permitira produzir outras obras, mas lhe garantiria o ganha-pão.

“Foi preciso que morresses para eu saber que te amava e que éramos felizes, na monotonia dos nossos dias.”



“Às vezes ainda me vem a necessidade angustiosa de rever antigas paisagens, evadir-me para uma região que realmente já não se acha no espaço, e sim no tempo (...)”

Dentre os novos amores, aponta aquela com quem se casaria, a menina que morava num sobrado em Montes Claros e a quem reencontrara numa viagem de trem para aquela cidade, ali voltando dois meses depois para ficar noivo, pois parecia que todos os seus amores, “os reais e os de mentira”, haviam se “*almagado, para se transubstanciar em um só e único amor...*”

#### As coisas estão no tempo, e o tempo, dentro de nós

A poesia que informa sua prosa está presente no romance, como nesta nostálgica recordação de Belmiro: “*Em vão tento uma abordagem em Vila Caraibas, naquele ano extraordinário de 1910. Baldo esforço: (...) Às vezes ainda me vem a necessidade angustiosa de rever antigas paisagens, evadir-me para uma região que realmente já não se acha no espaço, e sim no tempo (...) Verifiquei esse doloroso fenômeno quando, em 1924, fui à Vila pela última vez. O velho Borba já havia morrido, a fazenda passara a outras mãos... Camila ainda vivia. Lembra-me quão penoso foi o encontro com o passado. Lembra-me o dia em que só, debruçado no peitoril da varanda, na fazenda, em hora por si mesma de intensa melancolia – a hora rural do pôr do sol –, fiquei a percorrer, com um vago olhar, as colinas e os vales que se desdobravam até ao azul da Serra do Juramento, muralha do meu mundo antigo (...) Em vão busquei nas linhas, cores e aromas de cada objeto ou de cada perspectiva, que se apresentavam aos meus olhos, as linhas, cores e aromas de outros dias, já longínquos e mortos. Inútil*

*tentativa de viajar o passado, penetrar no mundo que já morreu e que, ai de nós, se nos tornou interdito, desde que deixou de existir, como presente, e se arremessou para trás, inapelavelmente. Vila Caraibas, a montanha, o rio, o buritizal, a fazenda, a gameleira isolada no monte – que viviam em mim, iluminados por um sol festivo de 1910... – ali já não estavam. Onde pretendi encontrar a alma das épocas idas, não encontrei senão pobres espectros. A namorada, a lagoa. (...) Não voltarei a Vila Caraibas. (...) As coisas não estão no espaço; as coisas estão é no tempo... (...) e o tempo está dentro de nós.”*

#### A roda-mesa da velha fazenda abandonada

A poesia também está nas memórias, como neste trecho, inspirado no seu retorno, já adulto, à velha e abandonada fazenda das Quebradas, “*sítio tão prestigioso perante a minha infância*”. Sem descer do cavalo, empurrou a cancela perra, entrou no pátio deserto e reparou numa “*coisa redonda que, em mudo apelo, parecia chamar-me: era uma roda de carro de bois, gasta nas bordas, a servir de mesa, com o eixo fincado no solo até o meio. Em torno dela notavam-se vestígios de um banco também rústico. (...) Na roda carcomida, no objeto outrora movimento e vibração, que, retirado do uso, ali se postara impassível e mudo, deviam estar a paz, o desapego, a solidão que eu acaso buscava como o supremo bem*”.

Conjecturando sobre que coisas a “*roda-mesa*” lhe havia “*sussurrado na sua linguagem cifrada*”, abriu a porta do casarão, e a luz que expulsava a sombra lhe anunciara, como um arauto, “*aquela vibração imperceptível, mas adivinhada, que eu iria encontrar em cada canto do pardião, presença oculta de existências longamente vividas, pensamentos concentrados no silêncio – o desenganado silêncio das fazendas decaídas – enfim, uma vida subjacente, abafada, que o Tempo desintegrou, mas afinal triunfara sobre o Tempo. (...) A última visita à tapera que, em época recuada, fora a casa-grande das Quebradas, revelou-me – suponho – a fórmula do patético imanente às velhas fazendas, ou melhor, a composição da mágica substância que elas segregam e que em nós produz o êxtase, a comunhão com as coisas*”.

“Revelou-me –  
 suponho – a fórmula  
 do patético imanente  
 às velhas fazendas,  
 ou melhor, a  
 composição da  
 mágica substância  
 que elas segregam e  
 que em nós produz o  
 êxtase, a comunhão  
 com as coisas.”

#### Obras consultadas

##### *De Cyro dos Anjos*

- *O amanuense Belmiro*, 7ª. ed., Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, em convênio com o Instituto Nacional do Livro, do Ministério de Educação e Cultura, 1971;
- *Abdias*, 2ª. ed., São Paulo: Saraiva, 1956;
- *Montanha*, 4ª. ed., Rio de Janeiro: Garnier, 1994;
- *Explorações no Tempo*, 1ª. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1963;
- *A Menina do Sobrado*, 1ª. ed., Rio de Janeiro: José Olympio/INL-MEC, 1979;
- *Poemas coronários*, 2ª. ed., São Paulo: Globo, 2009.

##### Outras

- *Cyro & Drummond*, 1ª. ed., organização, prefácio e notas de Wander Melo Miranda e Roberto Said, São Paulo: Globo, 2012;
- *Estudos e notas críticas*, 1ª. ed., Miécio Tati, Rio de Janeiro: INL-MEC, 1958;
- *Discurso de recepção ao Acadêmico Cyro dos Anjos*, Aurélio Buarque de Holanda, Academia Brasileira de Letras, [WWW.academia.org.br/abl/cgi/cgilua/exe/sys/start.htm?infoid=12854&sid=289](http://WWW.academia.org.br/abl/cgi/cgilua/exe/sys/start.htm?infoid=12854&sid=289), acesso em 20-11-2013;
- *Olhar e memória em O amanuense Belmiro, de Cyro dos Anjos*, de Catiana Fernandes Ferreira Silva, apresentada em julho/2011 na Unimontes, [www.cch.unimontes.br/ppgl/admin/arquivos\\_upload/banco\\_dissertações/51.pdf](http://www.cch.unimontes.br/ppgl/admin/arquivos_upload/banco_dissertações/51.pdf), acesso em 29-12-2013;
- *Suplemento Literário do Minas Gerais*, nº 8, de 22-10-1966; nº 16, de 17-12-1966; nº 611, de 17-11-1978; e 709, de 3-5-1980.

**Nota:** Nos primeiros tempos, ele adotava a grafia ‘Ciro’, mudando mais tarde para ‘Cyro’. Nas transcrições, mantivemos como no original.





# Affonso Ávila

## O poeta essencial, estudioso do ‘barroco tropical’

Manoel Marcos Guimarães  
Jornalista, editor de MagisCultura

“**S**ilêncio na Rua Cristina, 1300. O poeta partiu digno e íntegro, como sempre viveu – simples e complexo. Bem-humorado e melancólico. Barroco e vanguardista. Tímido, mas também bom conversador. Delicado, mas firme. Rigoroso, mas generoso. Contido, mas amoroso.”

É assim que o poeta e jornalista Carlos Ávila inicia o texto em que homenageia o pai, o poeta e ensaísta Affonso Ávila, na edição número 20 da Revista *BARROCO*, lançada no final de 2013, com o patrocínio da Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Affonso morreu em 26 de setembro de 2012, aos 84 anos, e deixou importante obra poética de vanguarda, produzida a partir de 1949, quando tinha apenas 21 anos, além de uma vasta obra ensaística sobre o barroco mineiro e um histórico de intensa participação na vida cultural e da **gestão pública** ligada ao patrimônio.

Ele foi o criador da Revista *BARROCO*, cujo primeiro número foi lançado em 1969, em Ouro Preto, dentro do Festival de Inverno da UFMG, e que era a única publicação em todo o mundo especializada nessa temática. A vigésima e última edição foi preparada por ele e finalizada pela filha Cristina, historiadora e também estudiosa do Barroco, que assumiu a direção da publicação.

Mesmo consagrado como ensaísta, Affonso se sentia mais vinculado à poesia. “A poesia é minha atividade fundamental”, me disse ele em entrevista, talvez uma de suas últimas, publicada na Revista da Casa dos Contos, em 2007, ano em que ganhou o Prêmio Jabuti de Poesia pela publicação do livro “*Cantigas do falso Alfonso, el sábio*”.

Antes, em 2006, o poeta havia sido homenageado pelo Arquivo Público Mineiro, vinculado à Secretaria de Estado de Cultura, com a edição de sua *Fortuna crítica*, com estudo introdutório de Melânia Silva de Aguiar e a reprodução de uma série de artigos e críticas sobre sua obra.

Já na abertura do estudo, a professora Melânia de Aguiar elogia a iniciativa do Arquivo, lembrando que esse “mineiro de Belo Horizonte, com raízes paterna e materna na velha Itaverava, cidade desbravada por bandeirantes e povoada por antigos moradores [...] guarda em sua obra como um todo esse vínculo com suas origens mineiras e, simultaneamente, participa a fundo de um momento novo e relevante da história intelectual de Minas Gerais e do Brasil”.

Com efeito, ainda no final dos anos 1940, Affonso já assumia posição de liderança na área literária, assinando colunas em jornais, até participar, em 1951, do lançamento da revista

Vocação, que precedeu o lançamento, seis anos mais tarde, de outra revista, *Tendência*, que obtém repercussão nacional.

Foi premiado com seu livro de estreia, *O Açude e Sonetos da Descoberta*, em 1953, e voltaria a ser premiado inúmeras vezes ao longo da carreira, sendo o último deles o *Jabuti*, já mencionado.

No início dos anos 1960, vincula-se ao grupo concretista paulista, trocando experiências poéticas com Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari e colaborando com a revista *Invenção*, do grupo concretista. Organiza, em 1963, em Belo

Horizonte, a Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, que atrai grande público e provoca grande impacto, “com opiniões divididas entre o choque cultural e a admiração pelo insólito e inusitado”, conforme seu próprio depoimento.

Como não pretendemos nesta homenagem nos aprofundar na vida e na obra de Affonso Ávila, mas apenas apresentá-lo aos leitores de *MagisCultura*, devolvemos a palavra à professora Melânia de Aguiar, que as resume de forma singular e competente:

Ele foi um dos criadores do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico (Iepha), do qual foi superintendente, e um dos formuladores do projeto original do Centro de Estudos do Ciclo do Ouro (Ceco) da Casa dos Contos de Ouro Preto. Assessorou a Unesco e a Fundação João Pinheiro na elaboração do plano de recuperação de Ouro Preto, coordenado pelo arquiteto português Alfredo Viana de Lima. Foi oficial de gabinete de Juscelino Kubistchek, no governo de Minas, e assessor do Ministério da Cultura, na gestão do professor Aluísio Pimenta.

“Homenageado, traduzido, objeto de exposição didática, tema de trabalhos acadêmicos, transpostos seus poemas para outras linguagens, merecidamente festejado ao longo desses anos, Affonso Ávila é hoje reconhecido pela seriedade e rigor de seu

“A poesia é  
minha atividade  
fundamental”.

*trabalho ensaístico e poético, bem como por seu compromisso com as conquistas da vanguarda e, simultaneamente, com os legítimos valores da cidadania e da tradição."*

Conhecer sua obra, portanto, completa ela, "é a oportunidade de conhecer de perto a trajetória de um escritor e, dentro dela, a nossa própria, indivíduos que somos de um tempo, eles de uma cadeia que se projeta em direção ao futuro."

## Affonso e a poesia

Poeta, casado com a poetisa Laís Correa de Araújo, já falecida, e orgulhoso de ter um filho (Carlos) e um neto (Eduardo) também poetas, com livros publicados, eis alguns conceitos dele sobre a poesia:

*"A poesia é minha atividade fundamental, meu ser está vinculado com a poesia."*

*"Eu sempre escrevi meus poemas a partir de um projeto. Meus livros sempre têm começo, meio e fim, não há nada por acaso neles. Há sempre uma lógica, uma estrutura, inclusive numérica, para os poemas e também para a temática."*

*O Código de Minas, por exemplo, foi todo programado, eu queria fazer uma radiografia de Minas através dos tempos, desde a formação até os nossos dias."*

*"Hoje, a poesia não tem mais características de movimento, com regras e em busca de formas. Mas é uma poesia rica, em busca de valores novos. De qualquer forma, a poesia de vanguarda, da minha geração, influenciou muito a poesia brasileira."*

## Ávila e o barroco tropical

Affonso Ávila diz ter sido capturado pela história e pelo barroco mineiro ao fazer suas pesquisas para o livro *Código de Minas*. Acabou desenvolvendo uma teoria própria, peculiar, sobre o barroco. Eis alguns de seus conceitos:

*"Barroco é uma maneira de ser, de estar e de pensar. Ele surgiu na Europa como uma reação da Igreja à reforma de Martinho Lutero. E como esse movimento coincidiu com a descoberta da América, os europeus transmigraram para cá aquelas formas criativas que eram características do barroco."*

*"No Brasil, ele surge na Bahia, com o Padre Antonio Vieira, com Gregório de Matos e os grandes monumentos do século XVII, como o Conjunto de São Francisco, a igreja dos Jesuítas, hoje Catedral de Salvador, e todo aquele rico acervo."*

*"No Brasil e em toda a América do Sul e Central o barroco ganhou uma feição própria. Aqui, nós não apenas imitávamos o barroco transmigrado, mas passamos a fazer um barroco tropical, brasileiro e latino-americano. Foi a tropicalização do barroco."*

*"No século XVIII, quando se descobre Minas Gerais, a forma barroca ainda estava vigente no Brasil e se torna retardatária aqui, por questões geográficas, de insulamento. Mas a partir daí, toda a manifestação cultural, toda a circularidade cultural que ocorre em Minas se faz pelo barroco. É o que podemos chamar de 'o grande barroco mineiro'."*

*"O Aleijadinho é o mais tropical dos nossos artistas barrocos. Ele e o Gregório de Matos são os dois grandes intérpretes dessa tropicalização do barroco."*

*"Há duas formas de expressão do barroco em Minas: o barroco capital, fundamental, que é o de Ouro Preto, São João del-Rei, Tiradentes e Diamantina, e o "estradeiro", que vai pela estrada acompanhando os caminhos que iam sendo abertos para chegar aos novos pontos de exploração do ouro."*

## Para conhecer a obra

- *Fortuna crítica de Affonso Ávila*  
Secretaria de Estado de Cultura de MG  
Arquivo Público Mineiro  
Belo Horizonte / 2006
- *Homem ao termo*  
Poesia reunida / 1949-2005  
Editora UFMG, 2008



Dois poemas de Afonso Ávila, ambos do livro **Código de Minas** (1963/1967), reproduzidos a partir de *Homem ao termo, Poesia reunida - 1949/2005*, Editora UFMG, 2008.

# Trilemas da Mineiridade

**M**inas em mim. Minas comigo. Minas.  
João Guimarães Rosa  
(Aí está Minas: a mineiridade.)

eu em mim  
eu em minas  
eu em minas de mim

eu em outros  
eu em óxido  
eu em óxido de outros

eu em texto de minas  
eu em templo de minas  
eu em tempo de minas

eu em parnaso de outros  
eu em partido de outros  
eu em paródia de outros

eu em onírico de mim  
eu em omissão de mim  
eu em opaco de mim

eu em camada de óxido  
eu em câmara de óxido  
eu em câncer de óxido

eu em modorra de minas  
eu em montanha de minas  
eu em montagem de minas

eu em análogo de outros  
eu em anódino de outros  
eu em anônimo de outros

eu em inepto de mim  
eu em insípido de mim  
eu em inóspito de mim

eu em fossa de óxido  
eu em fóssil de óxido  
eu in-fólio de óxido





# Constelação das grandes famílias

**A** história política de Minas é, pois, num largo sentido, a história de suas grandes famílias que fazem o jogo da cena política desde a Colônia. [...]

*Formou-se, dessa forma, no tempo, uma verdadeira cadeia de círculos familiares, ou parentelas, cujos membros ora se sucedem nas tarefas da chefia política e regional, ora se alternam. É a constelação governamental de Minas Gerais.*

Cid Rebello Horta  
(Famílias governamentais de Minas Gerais)

## Jogo de cena

**1720**

o pai com a febre no pântano  
o filho conferindo o ganho  
o neto com Felipe dos Santos

*(pai rouba  
filho come  
neto passa fome)*

**1789**

o pai na intendência  
o filho na insolvência  
o neto na inconfidência

*(pai rouba  
filho come  
neto passa fome)*

**1842**

o pai na regência  
o filho no regresso  
o neto na revolução

*(pai rouba  
filho come  
neto passa fome)*

**1888**

o pai comprando escravos  
o filho contra os escravos  
O neto com os escravos

*(pai rouba  
filho come  
neto passa fome)*

**1930**

o pai conservador  
o filho contemporizador  
o neto conspirador

*(pai rouba  
filho come  
neto passa fome)*

...

o pai no PA  
o filho no PB  
o neto no PC

*(pai rouba  
filho come  
neto passa fome)*

## Círculos familiares

o sogro na situação  
o consogro na oposição  
o genro na coligação  
*(na prebenda a parentela)*

o irmão na câmara federal  
o cunhado na câmara estadual  
o concunhado na câmara municipal  
*(no cartório a parentela)*

o tio no senado  
o primo na cni  
o primirmão na cemig  
*(no negócio a parentela)*

o marido na presidência  
o filho na previdência  
o sobrinho na prefeitura  
*(na embaixada a parentela)*

o padraсто governador-do-estado  
o enteado ministro-de-estado  
o meioirmão secretário-de-estado  
*(na empreitada a parentela)*

o avô na reação  
o pai na corrupção  
o neto na subversão  
*(par-a-par a parentela)*



# Paz

Augusto José Vieira Neto\*  
*Juiz aposentado*

**C**oração de meu planeta, amada Terra,  
ilumina este animal beligerante  
que o poder já transformou em besta fera,  
desdém da vida, vil carrasco do horizonte.

Algoz do mundo, horripilante e sanguinário,  
quer nos privar da comunal fraternidade  
na ilusão de que o petróleo milionário  
será o garante de sua vã posteridade.

Jorra da terra e está nela, submerso,  
o óleo negro de seus deuses brincalhões,  
ó poderosos senhores do universo  
que tanto ferem nossos tristes corações!

Nós lutaremos com bravura outras batalhas  
para encontrarmos as essências dos amores  
e deflagrarmos, sem o peso das mortalhas,  
um bombardeio cujos mísseis serão flores.



\* "Bala Doce"

# Poesia que me atinge

**Fernando José Armando Ribeiro**  
*juiz do Tribunal de Justiça Militar de MG*

**A** poesia que me atinge  
 é a do verso que não fiz  
 da palavra que não escrevi  
 do canto que não compus

A poesia que me atinge  
 é o que me falta  
 o que desterra  
 desassossega  
 faz a vida de ponta cabeça  
 presa apenas no soluço do olhar

A poesia que me fala  
 é a que não revela  
 a que desvela  
 e no silêncio oculta  
 imensidão de sentidos a calar  
 a poesia que me atinge é...

Menos que poesia  
 arte ou sonho  
 é estrofe de vida  
 voz nua das ruas  
 metafísica do espaço  
 contida em cada esquina do tempo  
 que me traz  
 sua luz de escuridão  
 seu gesto de alento  
 seu conforto





# Ah! Essa vida de amor!

João Quintino Silva  
*Desembargador aposentado*

**F**iel a mim, de corpo e mente,  
de virtudes muito rica,  
minha amada é diferente.  
sem um verso ela não fica.

Ainda que de pé quebrado,  
feito à pressa, feito à míngua,  
ela aceita de bom grado  
desde que eu não mate a língua.

Verso é brasa que nos queima  
a garganta, o coração...  
Excitante guloseima  
com sabores de emoção.

Muito alegre do que faço,  
vejam só o que acontece:  
retribui com beijo e abraço  
e me dá o que apetece.

O que apetece, ao depois,  
no mistério de uma cama,  
entre nós, entre nós dois,  
é segredo de quem ama.



# Aonde

## (Elegia ao poeta de Itabira)

**Geraldo Rogério de Souza**

*Juiz da 3ª Vara Cível de Contagem*

**H**á alguém por aí?!  
Talvez um contínuo passante correndo atrás do futuro  
Ou um mero bandeirante perdido em tempo obscuro  
Alguém que sempre cante a alma dos vales inválidos  
Buscando os versos dos livres ou razões de beijos cálidos...

Alguém que plante roseiras ou queira aroma natural  
Do orvalho rolando ao espinho, no olho da vida, em sal  
Um Vinícius, Carlos ou Rui, um pombo da paz, que plena  
Descansando em sonhos e sóis; que, ao papel, norteie a pena...

Ou o velho, que jovem em mente, lide com a força audaz  
Verseje sua musa linda, conjugando o amor contumaz  
Que tenha os pés no chão e a cabeça ereta, calma  
Um sorriso, um sol e um violão que afinem sua nobre alma...

Ou um moço, que sozinho procure estrelas e alvoradas  
Nos reflexos de seu caminho crie ventos e estradas  
Que furtivo, escreva cartas, citando clérigos ou ateus  
Das festivas e das bravatas, pra si mesmo ou pra Deus...

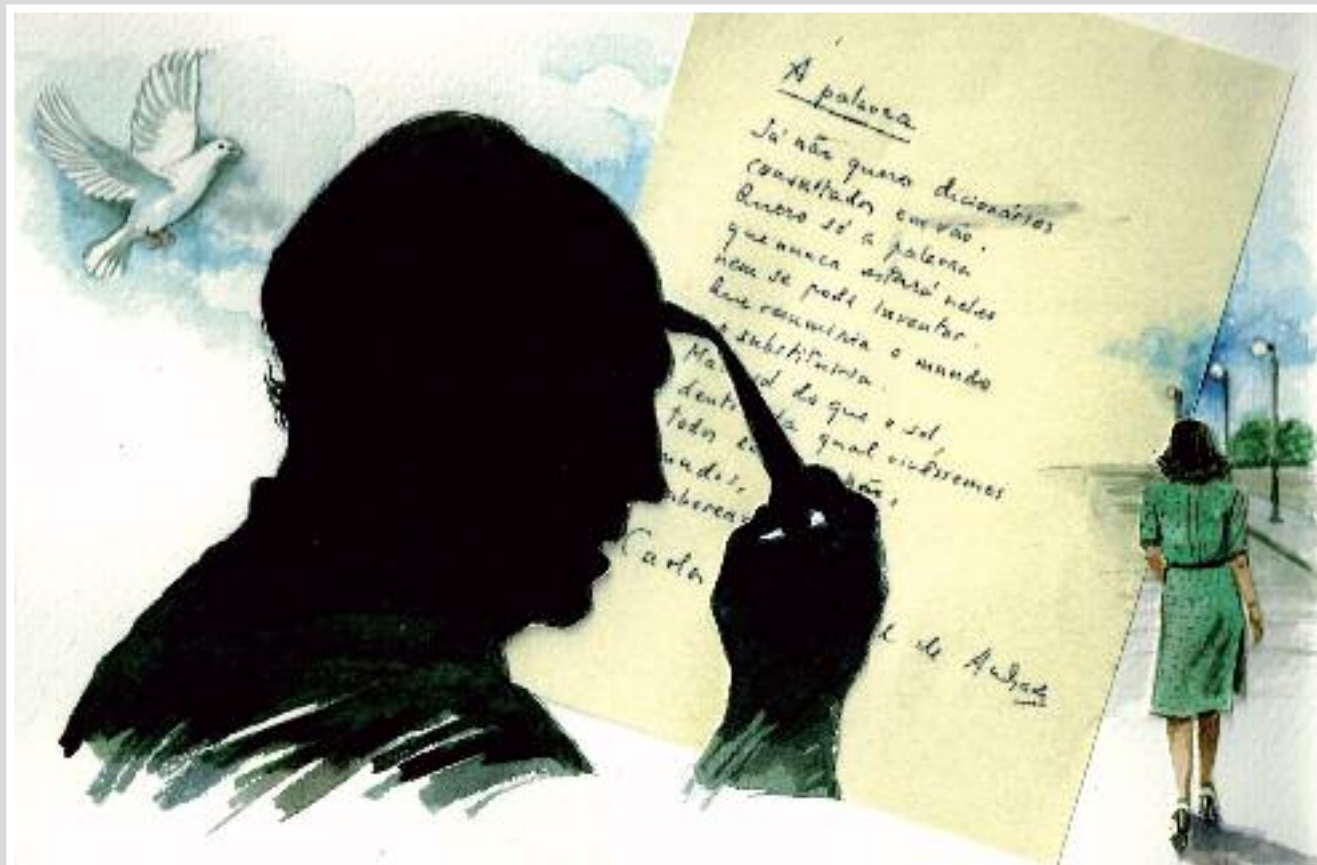
Há alguém por aí?!  
Um seresteiro das ruas que, em luas se obstina  
Que à retina de seus sonhos belos momentos se inclina  
Cantando as minas e os rios, em que brilham luzes perenes  
Pois se cruze tem o cio, em janelas, veras, irenes ...

Ou uma moça d'olhos claros que tímida, pura e santa  
Encanta os andantes passivos com ares de eterna infância  
Que tenha em cada gesto um verso ou passarinho  
Que dê aos motivos, alento; aos sorrisos, ninhos...

Há alguém por aí?!  
Que em dedos trance o destino  
que dê rumos à real razão e vazão aos demais sentidos?!  
Que se ofereça docemente ao martelo, ao adeus ou à flor  
Mesmo aos guerreiros dementes queira se dar farto amor?!

Há alguém por aí?! Há alguma poesia?  
Nas igrejas, bares, bancos, ruas...  
Negro de quilombo ou branco de Itabira...  
aonde estão as crianças das pessoas?!

(Escrito em agosto de 1987, por ocasião da morte de Carlos Drummond de Andrade.)



# Paisagem

**Llewellyn Davies A. Medina**

*Juiz de Direito da 13ª Vara Cível de Belo Horizonte*

Sala fechada  
vidro fosco ofusca  
vida circundante  
ar frio condicionado  
máquina tritura ar

desfigura ar  
liquefaz ar  
purifica ar  
sala fechada

paletó gravata  
sisudez estudada  
respira ar  
reconforto ar  
ar circumspecto

burocrata governa ensimesmado  
paraíso vinte metros quadrados  
mundo vasto esquadrihado  
gasto mundo comandado  
burocrata sorri pra seus botões  
sorriso tosco debochado  
botões também gostam de ar?  
botões não respondem  
botões são mudos  
seres que falam  
além sala fechada

vidros foscos ofuscam  
seres que falam?







# Ciranda cinematográfica

**Luís Carlos B. Gambogi**  
Desembargador do TJMG

**A**pós sete anos com Marilyn Monroe no Tibet, vejo-me como se um Shakespeare apaixonado pelo cine-paradiso, esse amor que nos consome. Professor e juiz, classificado entre aqueles que não usam black-tie, divirto-me com um dólar furado. A cada filme, entretenho-me como o mordomo da casa branca ou como presidente por um dia; em busca do tempo perdido, alegro-me ou choro sob as luzes da ribalta. Será que esqueceram de mim? Logo eu, um cidadão acima de qualquer suspeita, amigo de Hannah Arendt, coadjuvante como janela em janela indiscreta, não consigo ingressar nestes tempos modernos...

Mas, como o céu pode esperar, ligo-me ao lado bom da vida. Logo que surgem os vestígios do dia, antes do amanhecer, dirijo-me para onde se fala ao mestre com carinho. Ensinar – confesso – recorda-me abril despedaçado; contudo, permite-me descobrir que a fraternidade é vermelha e que estou diante de um sonho possível. Lá, não me vejo como um convidado trapalhão nem dormindo com o inimigo. Diariamente, falo aos meus das lendas da paixão, da moral em concordata, de meus diários de motocicleta, de algum lugar no passado, do que o vento levou.

No início da tarde, é chegada hora do convívio com o advogado do diabo, conduta de risco. No meu gabinete, ao som do coração, confiro a minha lista de Schindler do dia, doce vida! Entre o tempo e o vento, examino ações advindas de todo o Estado. São casos envolvendo desejo e reparação, como o de uma linda mulher que, diante de uma atração fatal, disse sim a uma proposta indecente, e terminou na casa dos espíritos aos gritos e sussurros: ninguém é perfeito, ninguém é perfeito! Tramitam também causas que tratam do silêncio dos inocentes, como a que relatei outro dia, em que o apelante era o poderoso chefão, réu em uma reintegração de posse a leste de Bucareste, morada dos bastardos inglórios, onde hoje vive Django livre, onde os fracos não têm vez.

Nas questões de família, a vida secreta das palavras, a linguagem do coração partido. Os casais, após anos incríveis, belos dias, comportam-se como estranhos desconhecidos. Num caso que relatei, o cônjuge varão dizia ter se casado de olhos bem fechados, dividido entre dois amores, e passado a primeira noite de um homem como Marlon Brando no último tango em Paris; no entanto, queixava-se do amor olho por olho, de ter uma mulher fora da gravidade, que o confundia com serra pelada, e se comportava como dona flor e seus dois maridos. A cônjuge varoa o contestava: qualificava-se como Priscilla, a rainha do deserto, narrava que seu marido era como flores raras e dizia ter se casado com o homem que não estava lá. Decidi e registrei, ao final: queimem depois de ler.

Lincoln, numa bravura indômita, levou-me uma petição que me deixou intrigado: o réu era um táxi driver que vivera os últimos dias de Hitler; o autor, um cidadão de nome Kane, que

se dizia dublê do diabo, e que se negava a pagar os serviços da carruagem de fogo que o servira em amor nos tempos de cólera. Não raro, examino causas administrativas e tributárias. São comuns esses jogos do poder. As primeiras envolvem perdas e danos a vítimas do saneamento básico, do som ao redor, do tempo perdido; as segundas, navalha na carne trêmula. Em ambos os casos, o réu é o Estado. O autor, um qualquer, dançando na chuva, duro de matar, que dança com lobos.

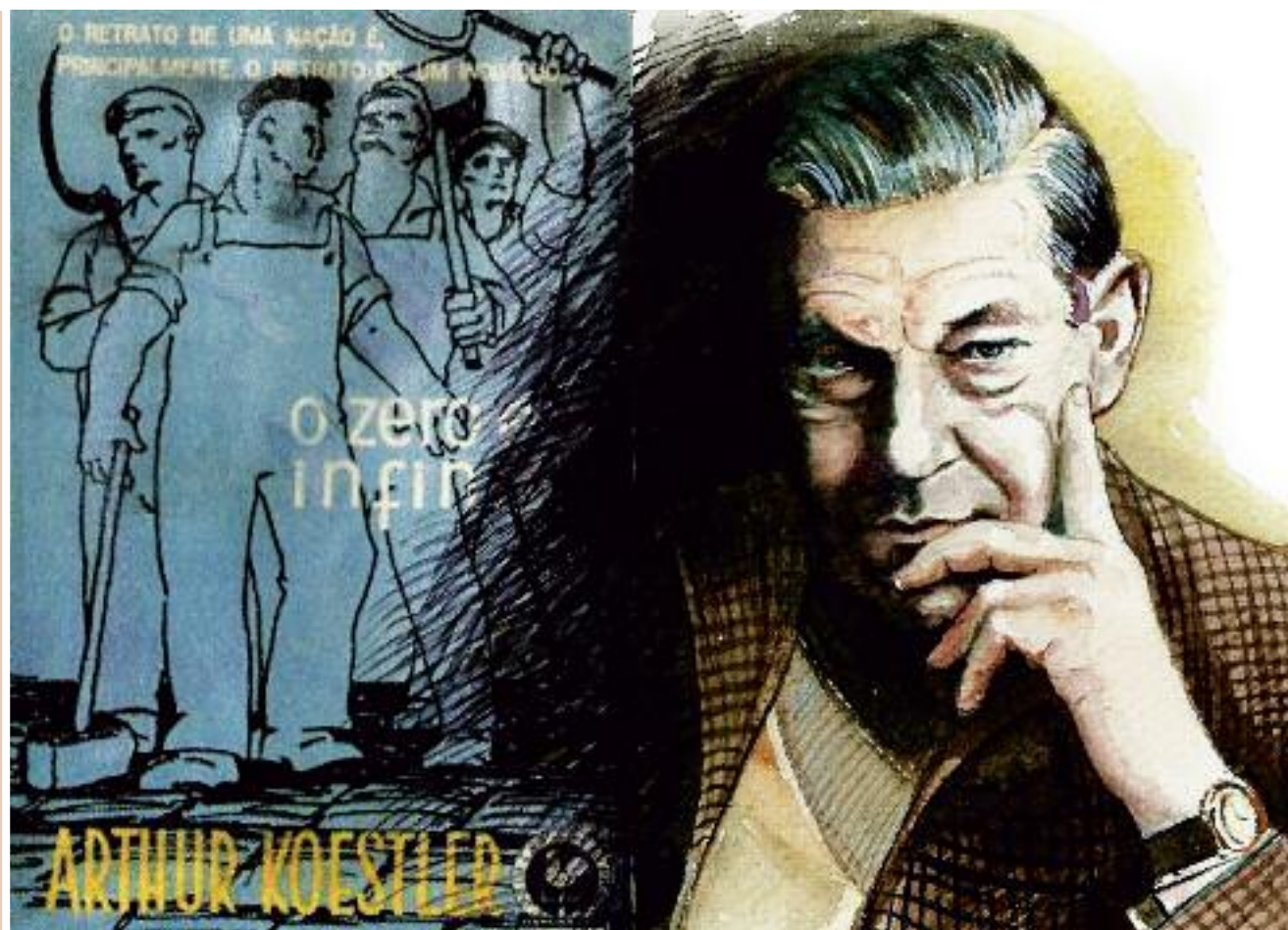
Para quebrar o orgulho e o preconceito, examino ações envolvendo os miseráveis da central do Brasil. Peticionam com corações e mentes indiferentes ao discreto charme da burguesia. Sabem o que é ser cisne negro, mas sonham com Alice no país das maravilhas. Postulam sair de uma espécie de Mississipi em chamas e conquistar um lugar ao sol, ainda que a um passo da eternidade. Entre o desejo e o pecado, o orgulho e o preconceito, requerem o pé de laranja lima, orquídeas selvagens, o sétimo selo, tomates verdes fritos, morango com chocolate, laranja mecânica, as invenções de Hugo Cabret.

Feito noviça rebelde, costumam afirmar: meu nome não é Johnny, não sou gângster, herói por acaso, nem o grande mentecapto; sou caçador de pipas, talvez o último rei da Escócia, não quero o sucesso a qualquer preço. Narram que a vida é bela, mas que o seu deles risco é duplo, razão pela qual sobrevivem do instinto selvagem, das duas faces de um crime, pois vivem vivendo no limite da insustentável leveza do ser. Porém, argumentam que nada é para sempre, e que, quando menos se espera, deles nasce uma estrela, do tipo Dom Juan de Marco, que não pode sentir perfume de mulher. Se sente, logo vai falando em sexo com amor. E, se a moça recusa o assédio sexual e ameaça chamar a tropa de elite, ele logo resmungo: pela pele que habito, êta tentação perigosa!

Enfatizam que são indomáveis, que onde moram, o pecado mora ao lado. Confessam que relações perigosas de crime e castigo, que mulheres apaixonadas podem levá-los a quatro casamentos e um funeral. Mas também contam que, onde moram, Piaf, vestida para casar, sobre a ponte do rio Kwai, cantara o seu hino de amor. Narram que moram entre o vermelho e o negro, entre a morada do jardineiro fiel e onde nasceu a última rosa púrpura do Cairo. Dizem viver por questão de honra, e que, enquanto o diabo veste Prada, usam sandálias de pescador.

Em nome do Pai, ou paro por aqui ou poderão concluir que os trabalhos do magistrado e do professor não sofreram nenhuma mudança de hábito desde Carlota Joaquina – Princesa do Brasil. O que é isso, companheiro? Há mulheres à beira de um ataque de nervos, onze homens e uma sentença à sua espera e ainda encontra tempo para reescrever Forrest Gump – contador de histórias? *Mamma mia!*







# O zero e o infinito

Rogério Medeiros Garcia de Lima  
Desembargador do TJM/G

Em 1981, eu iniciava o curso de Direito. Meu saudoso tio Diomedes Garcia de Lima, culto médico de São João del-Rei, leu no Jornal do Brasil que o jurista Leitão de Abreu, então ministro da Casa Civil, adquirira exemplar do livro *O zero e o infinito*, de Arthur Koestler, em uma livraria do Rio de Janeiro.

O tio quis reler o livro, mas seu exemplar dos anos 1960 se extraviara. Pediu-me que, em viagem de férias à capital fluminense, adquirisse nova edição da obra de Koestler. Andei bastante pelo centro do Rio, em busca da encomenda. Encontrei a obra numa antiga livraria do Largo da Carioca.

Retornei a São João del-Rei. Li o livro em um fôlego, durante as seis horas do trajeto de ônibus. A leitura abalou-me.

Koestler urdiu uma trama pavorosa, ao descrever ficcionalmente a União Soviética na era de Josef Stalin. Narra a prisão de Rubachov, dirigente partidário caído em desgraça no regime totalitário de partido único. O desafortunado ex-dirigente é submetido a severa lavagem cerebral por antigas camaradas, até ser condenado à morte.

No entanto, no início dos anos 1980 ainda transparecia inquebrantável o regime comunista adotado pela União Soviética e demais países da chamada “Cortina de Ferro”, na Europa Oriental. Nos estertores da Guerra Fria, aparentava “normal” o regime totalitário em nação comunista. Seria fruto do “materialismo histórico”, condutor da humanidade ao “paraíso”...

Por aqui, os brasileiros buscavam o reencontro com a ordem democrática. E gostavam de cantar o refrão de Geraldo Vandré:

*Vem vamos embora,  
Que esperar não é saber  
Quem sabe faz a hora  
Não espera acontecer*

## Koestler, um comunista desiludido

Arthur Koestler nasceu em Budapeste (Hungria), em 1905, filho de pai húngaro e mãe austríaca, ambos judeus.

Mudou-se para Viena (Áustria), após a queda do governo comunista húngaro. Matriculou-se na Escola Politécnica, mas abandonou os estudos para se juntar aos pioneiros sionistas na Palestina.

De volta à Europa, tornou-se jornalista e adquiriu vasta experiência humana, política e social.

Em 1929, mudou-se para Paris, como correspondente dos jornais do grupo Ullstein, de Berlim. Em 1931, filiou-se ao Partido Comunista da Alemanha.

No ano seguinte, Koestler esteve na União Soviética. Em 1936, foi enviado a Madri, pelo *New Chronicle*, para cobrir a Guerra Civil Espanhola.

Participou ativamente da defesa de Málaga, foi preso pelas tropas de Francisco Franco e condenado à morte. Acabou salvo por intervenção da Inglaterra.

Internado em um campo de refugiados na França, Koestler alistou-se na Legião Estrangeira. Por isso, não foi deportado para a Alemanha nazista.

Em 1938, diante dos expurgos promovidos por Stalin, na União Soviética, rompeu com o Partido Comunista.

Transferiu-se para Londres, adquiriu cidadania inglesa e se tornou escritor. Sua obra literária mais famosa é *O zero e o infinito*. Por manifestar vigorosa crítica ao totalitarismo stalinista, angariou a inimizade de intelectuais, inclusive Jean-Paul Sartre.

Em 1983, em sua residência londrina, Arthur Koestler e a esposa Cynthia Jefferies ingeriram várias colheradas de mel misturado com quantidades mortíferas de barbitúricos. O escritor, aos 77 anos, sofria do mal de Parkinson e leucemia.

Redigiu uma carta de despedida:

*“Depois de haver sofrido uma deterioração física mais ou menos constante durante os últimos anos, o processo chegou agora a um estado agudo, com complicações adicionais que fazem recomendável buscar a autoliberação agora, antes que me encontre incapaz de tomar as medidas necessárias (...).”*

Cynthia limitou-se a escrever:

*“Sem dúvida, não posso viver sem Arthur.”*

## Uma guerra do mundo

Merece destaque a participação ativa de Arthur Koestler na Guerra Civil Espanhola. O conflito eclodiu em 1936:

*“Em 1931, uma revolução incruenta resultara na fundação de uma república e na promulgação de leis drásticas contra o exército, os latifundiários e a igreja. Em julho de 1936, irrompeu a contrarrevolução sob a chefia de generais descontentes e com o encorajamento secreto dos governantes da Itália e da Alemanha. (...)”*

*A guerra civil da Espanha prolongou-se durante três anos sangrentos, custando a vida de quase um milhão de homens. Do começo ao fim apresentou aspectos de luta internacional, porquanto a Rússia forneceu dinheiro, algumas armas e assistência técnica aos republicanos ou legalistas, ao passo que a Alemanha e a Itália ofereciam um auxílio mais generoso aos insurretos de Franco. (...) Levadas pelo medo de que a luta intestina da Espanha degenerasse num conflito internacional, a Inglaterra e a França adotaram uma política de não-intervenção. (...) Em abril de 1939 quase todas as potências, inclusive os Estados Unidos, concederam reconhecimento diplomático ao governo de Franco, implantado pelos insurretos vitoriosos”. (BURNS, 1975:927-929).*

A guerra civil internacionalizou-se. O lado fascista rapidamente mobilizou a intervenção de Alemanha e Itália, a favor do general Franco. Intelectuais engajaram-se na luta:

*“A formação das Brigadas Internacionais, com voluntários esquerdistas de todo o mundo, comunistas ou não, e a existência entre eles de um bom número de intelectuais, vai dar ao conflito uma aura de romantismo, que, no entanto, contrasta com a ferocidade da luta. O poeta García Lorca, não diretamente envolvido nos combates, é assassinado pelos franquistas logo no início da luta. Embora do lado fascista haja também intelectuais combatendo, a grande maioria dos escritores e artistas se engaja junto aos republicanos, aumentando a simpatia pela causa. Como correspondentes de guerra ou como combatentes, lá estão Malraux, Simone Weil, os ingleses George Orwell e W. H. Auden, o americano Hemingway, o húngaro Arthur Koestler, o russo Ehrenbourg, os espanhóis Rafael Alberti, Antônio Machado e José Bergamin, católico de esquerda, o peruano Cesar Vallejo, além de um grande número de militantes comunistas e socialistas que depois ocuparão posição de destaque (os que escaparem dos expurgos de Stalin, que sempre viu com desconfiança os combatentes que enviou para a Espanha). (...) A Espanha se transforma no centro político do mundo”.* (MOTA, 1983:50-51)

### O enredo do totalitarismo

*O zero e o infinito*, publicado em 1940, retrata a conduta dos dirigentes comunistas. Nos chamados “processos de Moscou”, famosos líderes soviéticos e teóricos do marxismo confessaram publicamente sua “traição” à Revolução Comunista. As confissões “legitimavam” os fuzilamentos dos acusados

Arthur Koestler se impressionara porque todos os acusados admitiam abertamente suas culpas. Como foram fuzilados, nunca se pôde saber por que haviam agido daquela maneira. As acusações eram primárias e grosseiras, como, por exemplo, pertencer aos serviços de espionagem estrangeiros ou planejar a morte de Stalin.

Para Koestler, os dirigentes processados eram comunistas convictos e acreditavam na marcha inexorável da história rumo à “sociedade perfeita”. Não podiam cindir o partido e retardar o advento do comunismo. Acreditavam que o país era atrasado e necessitava de um líder brutal como Stalin, em vez de intelectuais humanistas, para impor a disciplina requerida pela revolução.

*“O personagem principal, Rubachov, é uma síntese de vários dirigentes comunistas. Preso por discordar da brutalidade dos métodos do Número 1 (Stalin), o policial a que enfrenta é um velho companheiro seu que espera provar racionalmente o seu equívoco.*

*Deixa-se abalar pela argumentação. Por força de sua lógica, Rubachov de certa forma adere ao método repressivo. Entende, entretanto, que precisaria ser ‘racionalizado’. Formula então as linhas gerais de uma teoria explicativa do atraso da massa, em relação à vanguarda, o que imporia o uso da força para obrigá-la a aceitar um modelo de sociedade destinado a libertá-la de toda opressão.*

*O acerto da liderança soviética comprovar-se-ia no fim do processo. Espera que o Número 1 irá lhe permitir desenvolvê-la tranquilamente, já que é um reconhecimento do erro em que incidia ao dele discordar.*

*Mas o policial ‘racional’ (Ivanov) é substituído por aquele que de fato representa a máquina repressiva e recorre à tortura (Gletkin*

“Embora do lado fascista haja também intelectuais combatendo, a grande maioria dos escritores e artistas se engaja junto aos republicanos, aumentando a simpatia pela causa.”

– o homem de Neanderthal). Rubachov acaba por assinar a ‘confissão’ nos termos que lhe são impostos, na certeza de que outra posição seria colocar-se à margem da evolução da humanidade.

Os personagens do livro são reduzidos a trapos humanos, pela brutalidade do sistema. O maior propósito da liderança soviética seria comprovar a validade da tese de que ‘os fins justificam os meios’, que se contrapõe frontalmente aos fundamentos da moralidade ocidental.” (Dicionário de obras básicas da cultura ocidental, 2013)

João Pereira Coutinho analisou (Folha de S. Paulo, 15.06.2013):

“O que acontece a um desses ideólogos quando, confrontado com as ruínas tangíveis da sua ideologia, ele volta a sentir o peso da própria consciência?

Eis a perdição de Nicolas Rubachov, o prisioneiro de ‘O Zero e o Infinito’. Sim, ele começou por acreditar na revolução e foi um dos mais importantes dirigentes bolcheviques. Até o dia em que deixou de usar a primeira pessoa do plural – ‘nós, o partido’; ‘nós, o Estado’; ‘nós, o povo’ - e começou a escutar a primeira pessoa do singular: o solitário e insubornável ‘eu’.

O primeiro grande crime de Rubachov é, literalmente, um crime gramatical. Mas é mais do que isso: é um crime religioso. Rubachov deixou de ter ‘fé’ na sua ‘religião secular’. E, como diria o filósofo, para quem provou o fruto da árvore do conhecimento, o paraíso está perdido. (...)

‘O Zero e o Infinito’ é a obra-prima do húngaro Arthur Koestler (1905-1983). Críticos vários afirmam que o livro, ao denunciar as purgas soviéticas na década de 1930, serviu para que Koestler se despedisse do comunismo da sua juventude, desiludido com as aberrações de Stalin.

Talvez. Mas isso não é uma fraqueza. Pelo contrário, é a principal virtude do livro: publicado em 1940, quando muitos ‘idiotas úteis’ ainda desculpavam o indesculpável, Koestler analisava os dois lados do comunismo com conhecimento de causa. O lado dos que deixaram de acreditar, como Rubachov. E o lado dos que ainda acreditavam (como o inquisidor Ivanov e, sobretudo, o sinistro Gletkin). (...)

Para mostrar ao herético Rubachov como a consciência só atrapalha. ‘A consciência se alimenta do cérebro como um câncer’, afirma gelidamente Ivanov, ‘até que toda a matéria cinzenta seja devorada’. Não conheço melhor retrato sobre a mentalidade totalitária.”

### Lições do partido

Transcrevo algumas passagens marcantes do livro *O zero e o infinito*:

“Via-se que, nele, a brutalidade não era acidental, mas inerente. ‘Bonita geração produzimos’, pensou Rubachov.”

(p. 18; reflexão do camarada Rubachov, ao observar um dos guardas que foram prendê-lo.)

“Rubachov sentiu o coração mais leve; ao mesmo tempo irritou-se consigo mesmo por causa disso. ‘É justamente a hora de ficar sentimental’, pensou. Mas não pôde resistir à tentação de falar e provocar um pouco de calor humano em redor de si.”

“O maior propósito da liderança soviética seria comprovar a validade da tese de que ‘os fins justificam os meios’, que se contrapõe frontalmente aos fundamentos da moralidade ocidental.”



(p. 20; a passagem mostra que sentimentos como amor, compaixão etc. são “pequeno-burgueses” e comunistas têm de sublimá-los.)

*“Nada é pior na prisão do que a consciência da própria inocência; impede a aclimação e solapa o moral...”*

(p. 34; reflexão do camarada Rubachov.)

*“O partido nunca pode errar. Eu e o camarada podemos cometer um erro. O Partido não. O Partido, camarada, é mais do que você e eu e milhares de outros como você e eu.”*

(p. 48; do inquisidor para o camarada Rubachov, durante um dos interrogatórios.)

*“Camaradas, os interesses do progresso industrial no país do socialismo têm precedência sobre tudo o mais. O sentimentalismo não nos leva para a frente. Reflitam bem isso.”*

(p. 74; um dos chavões comunistas).

*“Tudo aquilo em que acreditara, pelo qual lutara e que pregara durante os últimos quarenta anos, deslizou-lhe pela mente numa onda irresistível. O indivíduo não era nada, o Partido era tudo; o ramo que se quebrava da árvore tinha de secar...”*

(p. 81; reflexão do camarada Rubachov sobre o partido no regime totalitário.)

*“A verdade definitiva é sempre, no fim das contas, uma falsidade. (...)”*

*Quem provará que tem razão? Só se saberá mais tarde. Enquanto isso, somos forçados a agir a crédito e a vender a alma ao diabo, na esperança da absolvição da história. (...)”*

*O fim justifica os meios.”*

(p. 95; dos diários do camarada Rubachov).

*“Para nós, a questão da boa fé subjetiva não tem interesse. Quem não tiver razão deve pagar; quem tiver razão será absolvido. Essa é a lei do crédito histórico; era a nossa lei.”*

*A história nos ensinou que frequentemente a mentira lhe serve melhor do que a verdade; porque o homem é preguiçoso, tem de ser conduzido pelo deserto durante quarenta anos, antes de qualquer passo em seu desenvolvimento. E tem de ser levado pelo deserto com ameaças e promessas, com terrores imaginários e consolações imaginárias, a fim de que não se assente prematuramente para descansar e distrair-se adorando bezerras de ouro.”*

(p. 96-97, idem.)

“Dentro de cem anos poderemos apelar para a razão e os instintos sociais do criminoso. Hoje ainda é preciso agir sobre sua constituição e esmagá-lo, física e mentalmente, se necessário.”

*“Portanto, temos de punir as idéias erradas como os outros punem os crimes: com a morte. (...)”*

*Assemelhávamo-nos aos grandes inquisidores porque perseguíamos as sementes do mal não só nas ações dos homens, como também nos seus pensamentos. Não admitíamos esfera privada, nem mesmo dentro do crânio do homem. (...)”*

*Fui um desses. Pensei e agi como devia; destruí pessoas das quais gostava, e dei o poder a outros de quem não gostava. A história me pôs onde estive; esgotei o crédito que me concedeu; se estava com a razão, nada tenho de que me arrepender; se estava em erro, pagarei.”*

(p. 97, idem).

*“Não existem seres humanos capazes de resistir a qualquer soma de pressão física.”*

(p. 99).

*“Dentro de cem anos poderemos apelar para a razão e os instintos sociais do criminoso. Hoje ainda é preciso agir sobre sua constituição e esmagá-lo, física e mentalmente, se necessário.”*

(p. 100).

*“Comiseração, consciência, repulsa, desespero, arrependimento e expiação constituem para nós uma repugnante sensualidade. (...)”*

*A maior tentação para gente como nós é: renunciar à violência, arrepender-se, pôr-se em paz consigo mesmo. Muitos grandes revolucionários renderam a esta tentação, de Espártaco a Danton e Dostoievski; são a forma clássica de traição da causa. As tentações de Deus sempre foram mais perigosas para a humanidade do que as de Satanás. Enquanto o caos dominar o mundo, Deus é um anacronismo; e toda transigência com nossa própria consciência, uma perfídia. Quando fala a malfadada voz interior, é preciso tapar os ouvidos com as mãos...”*

(p. 142)

*“Há (uma opção) que no nosso país foi convertida em sistema: a negação e a supressão da própria convicção de cada um quando não houver perspectiva de materializá-la. Como o único critério moral que reconhecemos é o da utilidade social, a rejeição pública de tal convicção, visando à permanência nas fileiras do Partido, é evidentemente mais honrosa do que o quixotismo de prosseguir numa luta sem esperança.”*

(p. 158).

*“Que sucederá a estas massas, a este povo? Durante quarenta anos o povo fora conduzido pelo deserto, com ameaças e promessas, com terrores imaginários e com recompensas imaginárias. Mas onde estava a Terra Prometida? Existia de fato esta meta para a humanidade errante?”*

(p. 237)

“Enquanto o caos  
dominar o mundo,  
Deus é um  
anacronismo;  
e toda transigência  
com nossa própria  
consciência,  
uma perfídia.”

## O indivíduo diante do Estado totalitário

Transcrevo em separado a próxima citação porque, a meu ver, ela explica o título do livro. No totalitarismo, o indivíduo é o “zero” diante do “infinito” poder do Estado:

*“Talvez agora chegasse a hora da grande escuridão.*

*Talvez mais tarde, muito mais tarde, surgisse o novo movimento – com novas bandeiras, um novo espírito que soubesse das duas coisas: da fatalidade econômica e do ‘sentimento oceânico’. Talvez os membros do novo partido usassem capuzes de monges, e pregassem que só a pureza dos meios pode justificar os fins. Talvez ensinem que esteja errado o princípio de que um homem é o quociente de um milhão dividido por um milhão, e introduzam uma nova espécie de aritmética baseada na multiplicação; ao juntar-se um milhão de indivíduos ter-se-á uma nova entidade que não mais formará uma massa amorfa, mas criará uma consciência e uma individualidade próprias, com um ‘sentimento oceânico’ multiplicado por um milhão, num espaço ilimitado e, entretanto, autônomo.”*

(p. 233-234)

Após essa reflexão, sobreveio a execução do camarada Rubachov:

*“Uma segunda, esmagadora pancada bateu-lhe no ouvido. Em seguida, tudo ficou tranquilo. Voltou o mar com suas vozes. Uma onda, lentamente, o levantou. Vinha de longe e viajava sossegadamente, era um dar de ombros da eternidade.”*

(p. 238)

## Nova leitura, Nova República

Em 1987, a editora Globo lançou nova edição de O zero e o infinito. Encomendei um exemplar à minha inesquecível avó materna Neusa, paraibana radicada no Rio de Janeiro, como presente de aniversário.

Eu era, então, promotor de justiça na comarca de Perdões (MG). Aproveitei o sossego interiorano para mergulhar numa segunda leitura da obra de Koestler.

Naquela época, o Brasil tentava encaminhar a “Nova República”, com o presidente José Sarney. Ronald Reagan (Estados Unidos), Margaret Thatcher (Inglaterra) e o Papa João Paulo II (Vaticano) incrementavam o sufoco aos países comunistas europeus.

Fiquei mais uma vez mais siderado com o texto. E de novo me resignava: há países que funcionam assim mesmo.

Em 1989, iniciei a carreira de juiz de direito na comarca de Bonfim (MG). No mês de novembro, o mundo foi sacudido pela queda do Muro de Berlim:

*“No final da década de 1980, o comunismo soviético caiu, arruinado por sua impotência em construir uma economia que permitisse viver, e por seus excessos policiais. Os países subjugados na Europa Central e Oriental reconquistaram a independência e a liberdade, o muro de Berlim foi destruído, a Alemanha dividida em duas foi reunificada. A própria União Soviética dividiu-se e desapareceu. A Rússia e os Estados Independentes apareceram ou reapareceram. Um novo mapa da Europa se formou.”* (GOFF, 2008:151)

Interrompia-se a “marcha inexorável” dos povos rumo ao “paraíso comunista”. Desvelaram-se definitivamente os horrores praticados pelos regimes totalitários da URSS e países europeus aliados.

Passaram-se mais duas décadas e hoje o Brasil não é ainda aquela democracia sonhada no início dos anos 1980. Nosso trôpego caminhar ocasiona uma série de desencontros com a estabilidade institucional, econômica e social.

### O mesmo livro, um novo leitor

Às vésperas do Natal de 2013, aventurei-me em mais uma frustrada tentativa de organizar minha sempre caótica biblioteca. Buscava um livro desaparecido, a fim de citá-lo em um texto jurídico. Em vão.

Eis que, num lance do acaso, reencontrei meu exemplar de O zero e o infinito.

Viajaria para passar os festejos de fim de ano em São João del-Rei. Por que não levar a obra de Koestler para uma releitura?

Desse modo – e novamente de um fôlego – mergulhei na terceira leitura do livro.

Pareceu-me ler um “novo” livro. Eu também me sentia um “novo” leitor. Mudaram o mundo, o livro e eu.

O filósofo grego Heráclito (535-477 a.C.) sustentava a mutabilidade de todas as coisas. Tudo se acha em perpétuo fluxo e a realidade está sujeita a um “vir a ser” contínuo. (FRANCA, 1978:40)

*“Tudo muda sem cessar. Tudo devém, tudo é móvel, sempre prestes a transformar-se. ‘Tudo flui’, diz Heráclito (em grego: ‘panta rhei’), tudo cede – de maneira permanente, contínua, indefinida. Nada no mundo se mantém fixo, estável, eterno. (...)*

*Heráclito defende que nada há que não seja mutável e que não flua.*

*É neste sentido que é preciso entender a célebre fórmula: ‘Não te banharás duas vezes no mesmo rio’. Ela significa, evidentemente, que o rio nunca é o mesmo: de um instante para o outro, a água que o constitui num dado momento desaparece e outra a substitui. Não é nunca, portanto, no mesmo rio que te banharás. Mas também se poderá interpretar que tu próprio, o banhista, nunca és o mesmo: de um momento para o outro, aquilo a que chamas ‘eu’ modifica-se. O rio flui, o banhista também. Portanto, nunca se repetirá o mesmo banho, o encontro do mesmo banhista e do mesmo rio.”* (DROIT, 2011:84)

Os livros fluem:

*“Se cabe a Goethe a paternidade do tecnicismo, a Ortega y Gasset se deve sua aplicação às reflexões em torno da essência literária, pois no ensaio ‘Azorín ou Primores do Vulgar’ (...) ele o reatualiza, ao manifestar que a arte literária, neste escritor, consiste em reviver a sensibilidade básica do homem através dos tempos. Tal é o que – recorrendo à velha ideia goetheana – se chamou ‘sinfonismo’, ou seja, a coincidência espiritual, de estilo, de módulo vital, entre o homem de uma época e os de todas as épocas, dos próximos aos dispersos no tempo e no espaço.*

*A ideia de subtrair a obra literária ao tempo e ao espaço para enfrentá-lo unicamente com a sensibilidade do leitor tem adeptos nas mais diversas épocas e mesmo adquire corpo em muitos críticos e estetas literários que, com fundadas razões, aduzem que em tal contraste se teria a prova definitiva do autêntico classicismo da obra.*

*Assim, o professor Fernán Pérez de Oliva discorre no ‘Diálogo da Dignidade do Homem’ (...): ‘O grande mistério das letras nos dá a faculdade de falar com as ausentes e de agora ouvir dos sábios antepassados as coisas que disseram. As letras nos mantêm a memória, nos guardam as ciências, e, o que é mais admirável, nos estendem a vida longos séculos, pois por elas conhecemos todos os tempos passados, os quais viver não é senão senti-los! (...)*

“Fiquei mais uma vez mais siderado com o texto. E de novo me resignava: há países que funcionam assim mesmo.”



Azorín (...), no Novo Prefácio a 'Leituras Espanholas' (...) se pergunta: 'Que é um autor clássico? Um autor clássico é um reflexo de nossa sensibilidade moderna. O paradoxo tem sua explicação: um autor clássico não será nada, isto é, não será clássico, se não reflete nossa sensibilidade. Por isso os clássicos evoluem: evoluem segundo muda e evolui a sensibilidade das gerações. Um autor clássico é um autor que sempre está formando. Seus autores não escreveram as obras clássicas; a posteridade as vai escrevendo.' (CASTAGNINO, 1969:41-43)

Após três leituras, muito espaçadas no tempo, de *O zero e o infinito*, confirmei que literatura é movimento...

“Após três leituras,  
muito espaçadas no  
tempo, de *O zero e o  
infinito*, confirmei  
que literatura é  
movimento...”

### Notas Bibliográficas

- ATTALI, Jacques. *Karl Marx ou o espírito do mundo*. Rio de Janeiro: Record, trad. Clóvis Marques, 2007.
- BURNS, Edward McNall. *História da Civilização Ocidental*. Porto Alegre: Editora Globo, vol. II, trad. Lourival Gomes Machado e outros, 3ª ed., 1975.
- CASTAGNINO, Raúl H. *Que é Literatura? – Natureza e Função da Literatura*. São Paulo: Mestre Jou, trad. Luiz Aparecido Caruso, 1969.
- CHAUI, Marilena. *Filosofia*. São Paulo: Ática, 2005.
- COUTINHO, João Pereira. *O zero e o infinito*, jornal *Folha de S. Paulo*, 15.06.2013, caderno Ilustrada.
- *Dicionário de obras básicas da cultura ocidental*, Vide Editorial, disponível em <http://www.videeditorial.com.br/dicionario-obras-basicas-da-cultura-ocidental/r-s/o-zero-e-o-infinito-de-arthur-koestler.html>, 18.12.2013.
- DROIT, Roger-Pol. *Voltar a Ler os Clássicos*. Lisboa: Temas e Debates, trad. Pedro Vidal, 2011.
- FRANCA, Leonel. *Noções de História da Filosofia*. Rio de Janeiro: Agir, 22ª ed., 1978.
- GOFF, Jacques Le. *Uma breve história da Europa*. Petrópolis: Vozes, trad. Maria Idalina Ferreira Lopes, 2008.
- KOESTLER, Arthur. *O zero e o infinito*. Rio de Janeiro: Globo, trad. Juvenal Jacinto, 1987.
- MOTA, Lourenço Dantas. *André Malraux*. São Paulo: Brasiliense, 2ª ed., 1983.



# ‘O incrível dom de Oscar’, uma leitura enternecedora

Matheus Chaves Jardim  
Desembargador do TJMG

Explorar em ensaio literário tema tão espinhoso quanto o **mal de Alzheimer** justifica-se pelo anseio em divulgar romance de lavra do médico norte-americano David Dosa, editado pela Ediouro em 2010, cujo título nada se relaciona aos devastadores efeitos da doença ou às causas de sua manifestação. Pois pasmem: a obra é dedicada a Oscar, singelo e meigo gatinho a habitar as dependências do lar de idosos Steere House, em atividade na cidade de Providence, Rhode Island, desde o ano de 1874.

Tudo tem início na década de 1980, a partir da opção médica em adotar animais domésticos como parte do tratamento demencial, evidenciado o prazer experimentado pelos pacientes ao se depararem com gatos a saltitarem pelo interior de suas tristes alcovas, cuja presença confortadora parecia remetê-los aos longínquos tempos da infância, já fragmentados pelas severas perdas dos domínios cognitivos e sensoriais.

As observações iniciais teceram-nas as equipes de enfermagem: se pressentia a morte de algum paciente, Oscar perpassava sorratamente ao interior do quarto e aninhava-se sobre a cama do ancião, permanecendo inerte no leito até a constatação do óbito. Nos olhos do felino exprimia-se a mais indomável resolução de auxiliar aos enfermos em sua jornada final, abreviando-lhes a sôfrega existência há muito lacerada pelas manifestações mórbidas da demência.

David Dosa, médico geriatra aferrado à lógica científicista, mantivera-se cético, a princípio, aos comentários generalizados acerca das estranhas premonições de Oscar. Afinal, como poderia um felino, à feição de um vidente ubíquo, vaticinar a morte de pacientes já acometidos pelos estigmas físicos da degeneração, mas cujos quadros clínicos ainda se apresentavam satisfatoriamente estáveis?

Decidido a extrair suas próprias conclusões, põe-se o autor a entrevistar os familiares dos pacientes falecidos, sondando-lhes as reações ante o inexorável declínio das funções intelectuais experimentado por seus entes queridos nos últimos anos de vida. Ao final dos questionamentos, são indagados os familiares acerca das alterações de humor provocadas aos doentes ante a amistosa presença de Oscar em seus leitos de dor. Seguem-se comoventes relatos sobre o sofrimento gerado ao seio familiar tão logo constatada a alteração da capacidade de discernimento do paciente, aliada à perda da memória recente, ao desinteresse pelo trabalho e à supressão das relações sociais. O completo emudecimento se impõe, aflitivo, no estágio final da doença.

No mundo, 15 milhões de pessoas padecem do mal de Alzheimer; no Brasil, 6% das 15 milhões de pessoas com mais de 60 anos sofrem os efeitos da moléstia.

## Duas histórias

Frank e Ruth Rubenstein se conheceram num campo de concentração no ano de 1943, sobrevivendo por milagre aos

horrores da guerra. Ao chegarem aos Estados Unidos na condição de imigrantes, muito lutaram para dispor de recursos hábeis a suprir-lhes as despesas, obrigando-se Ruth a exercer a função de faxineira em hospital, empregando-se Frank como assistente de laboratório. Sessenta e três anos após a união matrimonial, Ruth, pela primeira vez, deixara de conhecer o marido, recebendo-o aos gritos no interior da clínica, absolutamente alheia à dúzia de rosas vermelhas e à torta

“Nos olhos do felino exprimia-se a mais indomável resolução de auxiliar aos enfermos em sua jornada final, abreviando-lhes a sôfrega existência há muito lacerada pelas manifestações mórbidas da demência.”



“A batalha contra a enfermidade fora sofregamente travada pelo músico desde as primeiras manifestações mórbidas da doença.”

deixadas à cabeceira da cama. Oscar, presciente, adentrou o quarto da enferma:

Num movimento rápido o gato pulou do carrinho para a cama, evitando o corpo adormecido. Observou a paciente e ponderou a situação. Sem pedir uma segunda opinião girou uma, duas vezes, se preparando, cuidadosamente, para deitar. Depois encarou Mary (a enfermeira) e piscou, como se a dispensasse. Encostado na sra. Rubenstein, Oscar roçou de leve o seu braço com seu focinho, antes de apoiar a cabeça nas patas. (fls. 203)

Lino Ferreti, famoso músico e precursor da tecnologia digital em fonogramas, questionara á esposa, perplexa, numa manhã de 2001, como poderia proceder ao *login* do computador. Jeanne exibira ao autor os fichários diariamente preenchidos pelo marido, contendo anotações esparsas relativas à data, estações do ano, dia da semana, nome do governador do Estado, tudo a possibilitar-lhe o acerto às perguntas a serem inexoravelmente formuladas pelo geriatra em consulta iminente. A batalha contra a enfermidade fora sofregamente travada pelo músico desde as primeiras manifestações mórbidas da doença, mas, já envolto pelas trevas da demência, prostrara-se nas dependências do Steere House no último ano de vida. Da súbita aparição de Oscar ao interior do quarto conservara a viúva sua pungente recordação:

Uma das enfermeiras me falou que ainda havia muito tempo e me aconselhou a ir para casa, tomar banho e jantar. Mas me ligaram imediatamente logo depois que saí, pedindo que voltasse. Logo percebi que as coisas tinham mudado. Entrei e diminuí as luzes, mas vi Oscar sentado na cama, de vigília. Naquele momento, eu soube. Escutara outras pessoas do terceiro andar contando histórias sobre o gato. (fls. 113)

### **A aceitação do inexorável**

A veracidade dos depoimentos é atestada a todo momento pelo médico, derivando as alterações dos nomes de determinados pacientes de razões estritamente legais.

Se se assemelham os relatos quanto à densidade dramática a permear a angustiosa e gradativa perda dos entes queridos, idênticas se revelam as narrativas ao noticiarem a serenidade difundida por Oscar aos familiares e equipes de enfermagem, todos a lhe atribuírem o dom extrassensorial de detecção da morte. Todavia, não se propõe o autor a explicar, de forma

conclusiva, a origem das premonições de Oscar ou as forças motivacionais a guiá-lo ao interior dos aposentados. O médico, ao revés, além de concitar o leitor a exprimir sua própria opinião acerca dos fatos, inclina-se a entender o fenômeno como uma manifestação corpórea dos desforços empreendidos pela equipe de funcionários para tornar a experiência de morte mais tolerável aos familiares. Seria o gato atraído pelo "cheiro doce da morte", ao farejar algum composto químico liberado pelo doente pouco antes da constatação do óbito? - indaga-nos David Dosa no posfácio do livro.

Talvez a essência da obra resida na aceitação da inexorabilidade da marcha demencial, cujos efeitos podem ser retardados, mas não evitados, pelos tratamentos disponíveis. Comparações à vida pregressa do doente só fazem realçar os implacáveis estigmas psíquicos da degeneração. Afinal, se a pessoa não é mais sequer esmaecida sombra do que fora há alguns anos atrás, remanescem-lhe n'alma o amor às crianças, aos animais e à música. Tais sentimentos são os últimos a evanescerem, diz-nos com convicção David Dosa. E remata o autor ao se avir com a mais dolorosa das especulações existenciais:

*"Quando a hora chegar, por favor, lembre-se de que parar de se agarrar com unhas e dentes a uma pessoa com demência terminal não é sinal de derrota: é um ato de amor." (fls. 216)*

### **O poder dos gatos**

Os gatos, aliás, estão mesmo em evidência no mundo literário, como se verifica da leitura de dois recentíssimos best sellers. Em 'A Odisseia de Homero', editado no Brasil pela Sextante em 2010, a autora norte-americana Gwen Cooper incute ao leitor verdadeiras lições de vida ao descrever os prodígios de um gato cego em suas tentativas de superação dos desafios cotidianos. De sua vez, o britânico James Bowen descreve-nos a forma pela qual fora auxiliado a deixar a dependência química por um animal encontrado nas ruas de Londres em 'Um gato chamado Bob', editado pela Nova Conceito em 2013.

A julgar pela consagração pública às recentes obras tem-se por comprovado o enunciado de Leonardo da Vinci: "O menor dos felinos é uma obra prima".

Estas linhas são dedicadas a Cybele Chaves.

“Quando a hora  
chegar, por favor,  
lembre-se de que  
parar de se agarrar  
com unhas e dentes  
a uma pessoa com  
demência terminal  
não é sinal de  
derrota: é um ato  
de amor.”





# Cem anos da Primeira Guerra Mundial: lembrar para não repetir

Luiz Carlos Biasutti  
Desembargador aposentado

“A história também pode ser mal interpretada e até mesmo deturpada e provocar um desastre.”

A geografia da Europa no início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, era composta apenas por 22 países. Hoje são 49! A Inglaterra era a maior e mais poderosa potência mundial, com um vasto império colonial em todos os continentes. Em segundo lugar, cada vez mais poderoso, vinha o império alemão, com colônias na África e Oceania. Em terceiro, o império austro-húngaro no centro da Europa, formado por muitas etnias, que não possuíam unidade de língua e religião e não suportavam a soberania austríaca. Outro império cheio de problemas e em decadência era a Turquia, com a capital Istambul (antiga Constantinopla) na Europa e a grande parte situada na Ásia (Síria, Líbano, Palestina, Iraque e o oeste litorâneo na Arábia).

A Rússia, como até hoje, era o maior país do mundo, com sua superfície abrangendo a Europa e uma parte maior na Ásia. A Itália possuía suas colônias na África; Holanda, Portugal e Espanha também mantinham suas colônias históricas na África, Ásia e Oceania. Os demais países da Europa, sem colônias, eram Grécia, Montenegro, Noruega, Romênia, Sérvia, Suécia, Suíça, Dinamarca, Luxemburgo e os micro países históricos: Mônaco, Andorra, Liechtenstein e San Marino.

Em parte, o foi choque entre interesses imperialistas dos impérios europeus e os anseios nacionalistas que provocaram a **Primeira Guerra Mundial**.

## O estopim na Bósnia

Para alguns historiadores, uma das preliminares da guerra teria sido o poderio militar alemão, cada vez maior ao conseguir sua unidade como potência, já demonstrado na guerra contra a França, quando, em menos de um ano, derrotou o exército francês, aprisionando o próprio Imperador Napoleão III, obrigado a assinar um tratado de paz entregando as províncias da Alsácia e Lorena.

Outro estopim da guerra foi a anexação da Bósnia-Herzegovina pelo império austro-húngaro, causando ódio dos países eslavos, tendo à frente a Sérvia e a Rússia. A visita do príncipe herdeiro do trono da Áustria a Sarajevo, na Bósnia-Herzegovina, foi considerada uma provocação e o herdeiro do trono com sua mulher foram assassinados por um estudante sérvio. A Áustria exigiu explicações urgentes do governo sérvio. Como nada foi feito, no dia 3 de agosto de 1914 começou a guerra.

O império alemão se une aos austríacos. A França apoia os sérvios e entra na guerra junto com a Rússia. A Turquia fica do

lado dos alemães. A Itália, que no começo ficou em dúvida, com a promessa de recuperar o Trentino e Trieste, passa para o lado dos franceses e ingleses e também apoia a Sérvia. E muitos outros países entraram na guerra.

## Desejo de guerrear

Os historiadores narram que a grande ‘surpresa’ dos conflitos foi a demonstração dos futuros combatentes de estarem desejosos de guerrear.

O historiador J. M. Roberts, por exemplo, se surpreende com o espírito da Primeira Guerra Mundial:

*Um dos paradoxos de 1914 é que em todos os países grande número de pessoas de todos os partidos, credos e sangue parecem surpreendentemente ter ido desejosos e felizes para a guerra, que muitos viam como uma oportunidade e não um desastre. A realidade acabou sendo muito diferente do que esperavam e muito mais apavorante do que imaginaram os que ajudaram a desencadear a guerra. Por muito tempo foi conhecida como a Grande Guerra por ser diferente em escala de qualquer conflito anterior e por ter desencadeado operações em todo o globo. (J.M. Roberts, O livro de ouro da história do mundo, pg 680)*

O conflito sangrento entre as potências da Europa começou em 1914 e causou a morte de mais de oito milhões de soldados. Estima-se que teriam morrido mais de seis milhões de civis.

Lembra o autor o uso de aviões militares. A guerra foi toda mecanizada e caminhões substituíram os cavalos. As armas em 1914 eram mais modernas, com rifles recarregáveis, metralhadoras e canhões de longo alcance. O massacre provocado por estas novas armas foi incessante e contínuo. Supõe-se que cerca de cinco mil homens morriam em algum lugar todos os dias.

## Americanos na briga

Somente em 1917, os Estados Unidos, receando o poderio alemão, entraram na guerra. Na Europa, só não entraram na guerra e permaneceram neutros a Espanha, a Suíça, a Suécia, a Noruega e a Dinamarca.

No final de 1916, o alto comando alemão já imaginava que a guerra estava perdida. Foi quando os alemães decidiram usar os submarinos contra qualquer navio neutro ou beligerante que tentasse entrar em portos da Inglaterra. A sorte, porém, ficou a favor dos aliados quando os poderosos exércitos americanos

“Esperemos que os dirigentes de hoje, com mais juízo, finalmente tenham justiça e compaixão para os membros mais fracos e vulneráveis das comunidades mundiais.”

entraram no campo de batalha pra valer. Por outro lado, em março de 1918, a Rússia, com grandes problemas internos provocados pela luta dos bolchevistas, assinou com a Alemanha o Tratado de Paz em Brest-Litovski, abandonando a guerra. Todavia, a maioria dos países do mundo estava do lado aliado e os submarinos alemães afundando navios de todos os países provocaram mais esforços dos aliados para acabar com a guerra. Em outubro de 1918 a Alemanha pediu suspensão e saída da luta e, finalmente, às onze horas da manhã de novembro de 1918, a frente ocidental silenciou. Acabou a guerra.

### Paz confusa

Depois que acabou a terrível guerra, muitos historiadores e sociólogos da época acharam que tudo podia se “normalizar”. Mas nunca houve uma paz (tratados de paz) tão mal feita. O mundo mudou completamente. Quatro impérios acabaram e novos países apareceram nos mapas.

Os acordos de paz levaram seis anos para serem concluídos e somente em julho de 1923 foi assinado o Tratado de Lausanne que estabeleceu um acordo definitivo entre o novo governo turco e os poderes aliados.

Os Estados Unidos, que se tornaram a maior potência do mundo, destronando a Inglaterra, não ratificaram o Tratado de Versalhes e abandonaram a Liga das Nações que fora obra do presidente Wilson.

Pela criação dos novos países houve muita irritação e falta de confiança. A maioria das nações que assinaram o Tratado de Versalhes já não era europeia. Novas ditaduras e partidos políticos aparecem no século XX após a Primeira Grande Guerra. Ditadores que se diziam “vingadores” apareceram e 20 anos depois incendiariam o mundo com uma guerra pior do que a de 1914 – 1918. Surgem o nazismo, o fascismo e o comunismo.

### Novos estudos

Todavia, nosso assunto é o centenário da Primeira Guerra Mundial que na Europa já desperta muitos estudos. No jornal *Folha de S. Paulo*, edição de domingo, 9 de fevereiro do corrente ano, no suplemento *Ilustríssima*, pág. 7, Sílvia Bittencourt escreveu que a Alemanha inaugurou a maratona de eventos em torno do centenário da “catástrofe original” do século XX.

Livros sobre o assunto não faltarão. O primeiro best seller, infelizmente ainda não traduzido para o português, é de autoria de Herfried Muenkler – “*Der Grosse Krieg – 1914 / 1918*”, com 900 páginas e que já abre uma polêmica ao não admitir culpa exclusiva da Alemanha, como prevalece em muitas obras anteriores. Outro best seller é do australiano Clarisfer Clark, cujo título em inglês pode ser traduzido como “*Os sonâmbulos*”, também inédito no Brasil.

Esperemos que os dirigentes de hoje, com mais juízo, finalmente tenham justiça e compaixão para os membros mais fracos e vulneráveis das comunidades mundiais.

# NORMAS PARA ENVIO DE ORIGINALS

**MagisCultura** é uma Revista da Associação dos Magistrados Mineiros (Amagis), destinada à publicação da produção cultural de juízes e desembargadores de Minas Gerais, em exercício ou aposentados.

Serão aceitos para publicação textos de ficção – contos, crônicas, pequenas novelas, poemas – ou de estudos – artigos, ensaios, resenhas – ou, ainda, ilustrações – fotografias, pinturas, reprodução de esculturas.

Não serão publicados textos de teses políticas, discursos, homenagens pessoais e necrológicos.

A seleção dos trabalhos será feita pelo Conselho Editorial (ver nomes no Expediente).

Os textos deverão ser enviados devidamente digitados, pelo endereço eletrônico da Revista ([magiscultura@amagis.com.br](mailto:magiscultura@amagis.com.br)) e conter o máximo de 10 mil caracteres.

As ilustrações deverão ser enviadas em formato compatível com a publicação e com resolução mínima de 300 dpi.

Os prazos para envio dos trabalhos serão divulgados pelo *site* e demais veículos de comunicação da Amagis.



Ciente de seu papel social, a AMAGIS também se preocupa com a preservação do meio ambiente: esta revista foi impressa em papel reciclado (70% pré-consumo, 30% pós-consumo) com certificação florestal, atestando que foi produzido de forma ecologicamente adequada, socialmente justa e economicamente viável, razão pela qual ostentamos, a partir desta edição, o selo verde FSC.



**Endereço para correspondência:**

R. Albita, 194 . Cruzeiro  
Belo Horizonte . MG  
CEP 30310-160  
Tel.: 31 3079-3487  
[magiscultura@amagis.com.br](mailto:magiscultura@amagis.com.br)

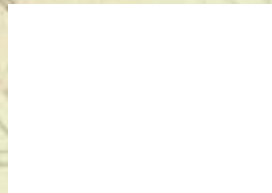
[www.amagis.com.br](http://www.amagis.com.br)



Apoio Cultural

**CEMIG**

A Melhor Energia do Brasil.



ISSN 1984508-1



9 771984 508004